



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS**

**SIMONE AMARAL DA SILVA**

**FILHAS DE LILITH:  
DESMISTIFICANDO O MITO DA INFERIORIDADE FEMININA.**

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

**SIMONE AMARAL DA SILVA**

**FILHAS DE LILITH:  
DESMISTIFICANDO O MITO DA INFERIORIDADE FEMININA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado na habilitação Português/Hebraico.

Orientador(a):

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Karla Louise de Almeida Petel

**RIO DE JANEIRO**

**2022**

## CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S586f Silva, Simone Amaral da.

Filhas de Lilith: Desmistificando o Mito da Inferioridade Feminina / Simone Amaral da Silva. – Rio de Janeiro, 2022. 74f.

Orientadora: Karla Louise de Almeida Petel.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português-Hebraico) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 73-74.

1. Mito. 2. Arquétipo; 3. Inferioridade e subordinação feminina. 4. Sociedade androcêntrica patriarcal. 5. Trindade feminina. I. Silva, Simone Amaral da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2022. III. Título.

# FOLHA DE AVALIAÇÃO

**SIMONE AMARAL DA SILVA**

**DRE: 118045269**

**FILHAS DE LILITH:**

**DESMISTIFICANDO O MITO DA INFERIORIDADE FEMININA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ,  
como requisito parcial para a obtenção do título de  
Licenciado na habilitação Português/Hebraico.

Data de avaliação: \_\_\_\_/ \_\_\_\_/ \_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karla Louise de Almeida Petel - UFRJ (Presidente da Banca Examinadora)      NOTA: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Leopoldo Osório Carvalho de Oliveira (Leitor Crítico)      NOTA: \_\_\_\_\_

MÉDIA: \_\_\_\_\_

Assinaturas dos avaliadores: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todas as mulheres,  
filhas de Lilith, que como eu, lutam para  
conquistarem o seu lugar no mundo.*

## AGRADECIMENTOS

*Agradeço a todos que contribuíram no decorrer desta jornada, especialmente:*

*A Deus, a quem devo minha vida.*

*Aos meus pais, Silas e Silvia, por toda dedicação e amor incondicionais.*

*Ao meu esposo e companheiro de vida, Thiago, por todo apoio e compreensão neste processo.*

*Aos meus colegas de turma, em especial, ao meu fiel escudeiro José Messias pelo companheirismo e amizade e por me acompanhar nessa jornada tão desafiadora desde o início.*

*A minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Karla Petel que teve papel fundamental na elaboração deste trabalho.*

“Quem come do fruto do conhecimento é sempre expulso de algum paraíso.”

(Melanie Klein).

Referência: SILVA, Simone Amaral da. *Filhas de Lilith: Desmistificando o Mito da Inferioridade Feminina*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Hebarico) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

## RESUMO

O presente trabalho pretende fazer uma reflexão sobre o mito de Lilith, sua relevância e relação com os conceitos de inferioridade e subordinação feminina. Além disso, procura-se discutir seu apagamento ao longo da história e ressignificação na contemporaneidade. No primeiro capítulo, apresenta-se a origem e a história do mito de Lilith nas diversas culturas, especialmente na tradição judaico-cristã que é o enfoque da nossa pesquisa. A seguir, faz-se uma breve análise da figura de Lilith ao longo da história: Antiguidade, Idade Média, Idade Moderna e Contemporânea. Optou-se por trazer pelo menos uma representante do arquétipo de Lilith para cada período histórico. Pretende-se, também, demonstrar personagens femininas bíblicas que se identificam com o arquétipo de Lilith e que se destacaram por não se encaixarem nos padrões sociais de sua época. Propõe-se também um novo conceito de *trindade feminina* representada nas figuras imagéticas de Lilith, Eva e Maria. Tal pesquisa busca também explicitar a presença de Lilith na literatura judaico-cristã e sua omissão no cânone sagrado pelos Pais da igreja. No segundo capítulo, se estabelece uma análise comparativa entre o romance “Madame Bovary” de Gustave Flaubert e os arquétipos de Lilith, Eva e Maria.

**Palavras-chave:** mito; arquétipo; inferioridade e subordinação feminina; sociedade androcêntrica patriarcal; trindade feminina.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | 10 |
| <b>1. O MITO DA INFERIORIDADE E SUBORDINAÇÃO FEMININA</b> .....   | 12 |
| 1.1. LILITH: ORIGEM E SUA HISTÓRIA NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ .....                                     | 12 |
| 1.2. A FIGURA DE LILITH NA ANTIGUIDADE .....  | 17 |
| 1.3. LILITH, EVA E MARIA: A TRINDADE FEMININA.....  | 19 |
| 1.4. LILITH EM DIÁLOGO COM OUTRAS FIGURAS FEMININAS BÍBLICAS .....                                      | 22 |
| 1.4.1. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL.....   | 22 |
| 1.4.2. RAABE: A FIGURA DA PROSTITUTA.....   | 26 |
| 1.4.3. BATE-SEBA: A FIGURA DA MULHER ADÚLTERA .....   | 27 |
| 1.4.4. JEZABEL: A FIGURA DA MULHER DEMONÍACA .....  | 28 |
| 1.4.5. VASTI: A FIGURA DA MULHER SUBVERSIVA.....  | 29 |
| 1.5. LILITH NA LITERATURA JUDAICO-CRISTÃ E SEU APAGAMENTO DO<br>CÂNONE SAGRADO .....                    | 31 |
| 1.6. LILITH NA IDADE MÉDIA: A FIGURA DA BRUXA.....  | 32 |
| 1.6.1. JOANA D'ARC.....   | 34 |
| 1.7. LILITH NA MODERNIDADE .....  | 35 |
| 1.7.1. ANA BOLENA .....   | 35 |
| 1.8. LILITH NA CONTEMPORANEIDADE .....  | 37 |
| 1.8.1. FRIDA KAHLO .....  | 37 |
| <b>2. ASPECTOS DE PERMANÊNCIA ENTRE MADAMME BOVARY E OS<br/>ARQUÉTIPOS DE LILITH, EVA E MARIA</b> ..... | 41 |
| 2.1. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE .....  | 41 |
| 2.2. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE LILITH .....  | 43 |
| 2.3. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE EVA .....   | 56 |
| 2.4. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE MARIA.....  | 64 |
| <b>CONCLUSÃO</b> .....  | 71 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 73 |

## INTRODUÇÃO

A ideia da inferioridade feminina perdura desde a antiguidade, quando os primeiros filósofos e médicos, seguidos pelos Pais da Igreja, disseminaram ideias equivocadas a respeito da natureza biológica feminina. Ideias essas, como a crença de uma predisposição natural do feminino para certas atividades, restringindo-a a trabalhos domésticos, educação de filhos, e exercendo papéis secundários em quase todas as esferas do cotidiano. De acordo com Silva (2019, p. 1), “o ser feminino, ao longo do tempo, tem sido submetido a diversas formas de dominação que implicam na construção de estereótipos que “definem” as características concebidas como fundamentais para se desenhar o ser feminino “ideal”.

Dentre esses processos, as religiões de ordem judaico cristã foram cruciais na consolidação dessa submissão, tendo institucionalizado a mesma como a “vontade de Deus” para a manutenção da “família”. Esta construção favoreceu o estabelecimento de interdições sobre a mulher que podem ser percebidas ainda hoje em praticamente todas as sociedades do mundo. (COELHO; SOUZA; HONORATO, 2019, p. 288).

Por séculos, a ideia de superioridade do homem sobre a mulher vem sendo construída através dos mais diversos meios de comunicação. Tanto a literatura secular quanto a religiosa, se aceitas sem nenhum questionamento crítico, nos levam a realmente imaginar que o homem é um cidadão de “primeira classe”, instituído por Deus para dominar não somente os animais e a terra, como também a mulher. Esta, por questões ideológicas, especialmente devido ao fato de a mulher ter sido formada do homem e depois dele, é considerada uma cidadã de “segunda classe” e, por conta disso, deve se submeter à liderança do homem.

Além disso, a mulher tem sido responsabilizada por todos os males que assolam o mundo, pois, de acordo com o livro de Gênesis, foi por intermédio de Eva que o pecado original entrou no mundo, levando, desta forma, o homem à perdição. Desde então, a mulher tem sido vista como um ser pernicioso, ardiloso, de natureza dúbia e duvidosa, em quem não se deve confiar.

Por isso, o homem precisa se defender do malefício da mulher para não cometer erros e pecados, já que ela está ligada ao pecado e à inferioridade. Sua sexualidade é perigosa e contagiosa, acarretando o mal e os problemas. Portanto, a imagem cultivada, na cultura ocidental, é a da mulher casta e assexuada, expressa no mito judaico-cristão. (PIRES, 2008, p. 67).

Eva fora criada para substituir Lilith, e esperava-se que ela seguisse um caminho diferente da sua antecessora, mas ao contrário, Eva se rebela contra à autoridade divina. Só que

diferentemente de Lilith, Eva aceita o castigo que lhe foi imposto. Algumas interpretações sugerem que a serpente que tentou Eva era a própria representação de Lilith.

Eva é a encarnação da sedução sensual, a razão da ruína do ser humano, pois foi tentada por forças demoníacas e, por sua vez tentou o homem. Essa força negativa tem Lilith como representante, pois na tradição rabínica ela foi a primeira mulher de Adão, criada do mesmo pó que ele, mas tornou-se um ser demoníaco ao romper com o Pai. (PIRES, 2008, p. 9).

Não obstante, o arquétipo de Eva ainda é considerado pelo patriarcado como o modelo de “mulher ideal”. “Assim, é esperado que a mulher se identifique com o modelo representado por Eva – a esposa fiel e obediente ao marido, a mulher passiva e submissa ao homem” (PIRES, 2008, p. 68). Desta forma, não nos surpreende o fato de o mito de Lilith ter sido apagado do cânone sagrado, já que o mesmo é uma afronta à sociedade androcêntrica patriarcal, na medida em que Lilith se coloca em pé de igualdade com Adão e exige direitos iguais. Lilith não se submete à autoridade de Adão e conseqüentemente à de Deus. Mesmo tendo a oportunidade de voltar atrás, Lilith prefere viver com os demônios a perder sua liberdade e autonomia. Desta forma, Lilith se constitui na primeira feminista a se rebelar contra a dominação masculina.

Fêmea sedutora e lasciva, mulher independente que se coloca em posição de igualdade com o masculino e representa o puro instinto sensual/sexual, Lilith não parece poder ser adotada em nossa cultura – eminentemente patriarcal – como referência de identificação. Ao contrário, parece ter de permanecer na sombra, isolada e aquietada pela repressão imposta pelo social. (PIRES, 2008, p. 50).

Sendo assim, uma das questões que se coloca é: Como a literatura religiosa é utilizada para legitimar valores patriarcais androcêntricos tais como a subjugação da mulher pelo homem? Este trabalho trata-se de levantamento teórico-bibliográfico, que analisa abordagens de diferentes autores sobre o tema da subordinação feminina e a luta das mulheres ao longo dos tempos para superar dogmas impostos por uma sociedade patriarcal e machista que vê no empoderamento feminino uma ameaça para os seus próprios interesses e para a manutenção do *status quo*.

Um dos objetivos é desconstruir qualquer tipo de discurso e comportamento que, de alguma forma, contribua para a legitimação e perpetuação da ideia de inferioridade e subjugação feminina. Por último e não menos importante, este trabalho também tem como objetivo proporcionar um maior entendimento sobre as questões de gênero, rompendo com todo tipo de distinções étnicas, sociais e sexistas ainda existentes em nossa sociedade, desconstruindo modelos culturais androcêntricos e patriarcais, a fim de contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária, tanto para homens quanto para mulheres, garantindo a igualdade de direitos civis, sociais e políticos.

# 1. O MITO DA INFERIORIDADE E SUBORDINAÇÃO FEMININA

## 1.1. LILITH: ORIGEM E SUA HISTÓRIA NA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Para compreendermos a importância e o papel da mulher na sociedade contemporânea, como também, a forma como a figura feminina é encarada ao longo da história e as relações que esta estabelece nos níveis do microcosmo e do macrocosmo social, é relevante voltarmos à origem da humanidade. Para tal, abordaremos o assunto sob a perspectiva Judaico-Cristã, que se constitui no contexto sociocultural em que estamos inseridos. No folclore hebreu medieval existe uma lenda que diz que o livro de Gênesis narra a criação de duas mulheres, em que a primeira teria sido criada em Gn 1.27 e a outra em Gn 2.21-23. Como pode-se observar:

“E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1.27). Ao contrário do que muitos estudiosos afirmam, de que a mulher teria sido criada depois do homem, nesta passagem podemos constatar que homem e mulher foram criados simultaneamente. Porém, encontramos uma aparente contradição, quando o autor na primeira parte do verso utiliza o artigo no singular [“criou Deus *o* homem”] e na segunda parte ele coloca o artigo no plural [“homem e mulher *os* criou”]. Uma justificativa para isso, estaria no uso do termo “homem” não no sentido do gênero masculino, mas no sentido de “humanidade”, o que englobaria também a mulher.

Sendo assim, deduz-se que essa mulher de Gn 1.27 diz respeito à Lilith, pois ao contrário de Eva que foi tirada da costela de Adão, Lilith foi criada da mesma matéria prima que o homem e no mesmo instante que ele. Não obstante, com o tempo, a figura de Lilith foi apagada da história pelos compiladores da Bíblia. Já a mulher de Gn 2.21-23, diz respeito a Eva, como podemos ver no trecho que se segue:

Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma de suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar; E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher, e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne; esta será chamada mulher, porquanto do homem foi tomada. (BÍBLIA, Gênesis, 2, 21-23).

Aqueles que defendem a anterioridade de Adão na Criação argumentam que o primeiro capítulo de Gênesis seria apenas um apanhado geral da Criação e o segundo capítulo seria uma descrição mais detalhada.

A anterioridade do homem em relação à mulher na obra da criação, tradicionalmente tem sido entendida como sinônimo de superioridade. Tal interpretação distorcida estaria na origem da justificação da desigualdade da mulher em relação ao homem. Esse preconceito tem relação direta com a questão da primogenitura na tradição judaica. Uma vez que o primogênito é considerado o chefe político e religioso do clã, era necessária uma justificação religiosa de que o primogênito da criação fosse o homem. De onde a inferioridade familiar e social na qual se encontrava a mulher, tendo que aceitar a condição de propriedade do irmão primogênito. (CANDIOTTO, 2008, p. 38).

Por outro lado, o Talmude sugere que Adão, na verdade, seria Andrógino, ou seja, o primeiro homem teria duas naturezas em uma só – masculina e feminina; e essas duas naturezas teriam se separado mais adiante, quando D’us formou Eva da costela do homem que, neste caso, seria a sua parte feminina. Neste momento, um se torna dois. Mas, para a análise em questão, nos restringiremos a versão que considera a existência de duas mulheres, já que esse é o enfoque da nossa pesquisa.

Segundo Sicuteri (1998, p. 12), “o mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística<sup>1</sup> que se coloca lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes”.

[...] nos testemunhos da Torah temos a descrição da primeira mulher que, subentendida no Gênesis, deveria ser Eva. Mas há aquela passagem do Beresit-Rabba onde se fala de uma outra mulher, aquela cheia de saliva e sangue, que perturba Adão; de Eva, ao contrário, se descrevem as belezas e os ornamentos. (SICUTERI, 1998, p. 17).

Lilith, a primeira mulher de Adão, teria sido criada direto do barro como o foi Adão, sendo a mesma criada à noite. De acordo com Koltuv (1997, p. 28) “Lilith é a fêmea de Adão, ou Adamah, a palavra hebraica feminina que designa terra ou chão. Tanto o homem como a mulher provêm da mãe Terra, moldados por Deus”. Apesar de ser feita da mesma matéria prima de Adão, o barro de que Lilith fora formada não era puro, mas era misturado com fezes. Adão ao se deparar com Lilith, a vê coberta de sangue e saliva, o que lhe causa, em um primeiro momento, uma certa repulsa. O sangue aqui pode estar fazendo referência ao ciclo menstrual feminino, enquanto que a saliva pode estar se referindo aos fluidos corporais. “Parece que a ordem social hierárquica masculina é ameaçada pelo poder dos sangues e fluxos dos corpos das

---

<sup>1</sup> A Fonte Javista, também conhecida como *Jeovista* ou simplesmente como *J*, datada por volta de X a.E.C, é uma das fontes do Pentateuco ou Torá, juntamente com a Deuteronomista e a Fonte Sacerdotal. Ela recebe esse nome devido ao fato de usar o termo *Yahweh* (mais precisamente, YHWH) como sendo o nome de Deus no livro de Gênesis. Na maioria das Bíblias em português esse termo é substituído por "*O Senhor*", ou às vezes "*Deus*", mas na verdade é simplesmente o nome de D’us.

mulheres. Líquidos escorrem, não reconhecem nem respeitam limites. Transbordam fronteiras. Lambuzam. Mancham... Colorem” (NEUENFELDT, 2017, p. 97).

O sangue, os fluxos, os líquidos que manam em determinados períodos – na menstruação e no parto, como características biológicas do corpo da mulher – são poderosos enquanto constituidores de sua identidade. Fluxos que conformam identidades, delimitam fronteiras de corpos. É o sangue que tem poder misterioso, que flui sem matar, que jorra poderosamente sem licença para passar, sem fronteiras que conseguem conter. Essas realidades fazem parte do cotidiano das mulheres, desde épocas bíblicas até os dias atuais. (NEUENFELDT, 2017, p. 92).

Lilith, então, se rebela contra Adão e sua autoridade e exige direitos iguais. Segundo a Lenda, ela recusava-se a "ficar sempre por baixo" durante o intercuro sexual. De acordo com Rodrigues (2007, p. 6), “tal trecho do mito exprime o desejo de controle, não só sexual, mas social do macho, bem como seu receio quanto à instintividade da fêmea. Ficar por ‘cima’ dela significa dominá-la e submetê-la a seu controle; porém, a primeira mulher não aceita tal condição”. Como não queria se submeter, Lilith invoca o Tetragrama sagrado e foge em direção ao Mar Vermelho. “Assim como os israelitas alcançaram a liberdade do Faraó aí, Lilith ganha independência de Adão indo para lá” (CANDIDO, 2012, p. 184-185). “Portanto, quando Lilith manifestou toda sua sexualidade, indo contra os princípios patriarcais, foi punida e tornou-se um demônio, uma prostituta, a companheira de satã e a rainha do submundo” (PIRES, 2008, p. 48).

Lilith, então, casa-se com Samael, que era Senhor das forças do mal. Na perspectiva de Vieira (2020, p. 38), “Lilith e Samael são entendidos como um par profano, opondo-se ao par santo conhecido como Tif’eret (Piedade), a face masculina de Deus, e Shekhinah (habitação de Deus), sua expressão feminina”. Daquela união originou-se uma série de demônios conhecidos como *Lilim*. Tal termo é originário do hebraico לילין, que significa “espíritos noturnos”. Vieira (2020, p. 38) conclui então que “Lilith e Shekhinah seriam ambas o feminino divino, mas enquanto a Shekhinah seria o lado bom do divino, Lilith seria sua expressão profana atrelada ao mal”. Segundo o *Zohar*, com o advento do exílio babilônico, Shekhinah teria descido à terra para habitar com o povo de Israel. Neste momento, Lilith assume o lugar dela e se torna a esposa de D’us. Quando o Messias vier resgatar o seu povo, Shekhinah tomará novamente o seu lugar ao lado de D’us. “Se a Shekhinah é a mãe de Israel, então Lilith é a mãe da apostasia de Israel” (CANDIDO, 2012, p. 187).

Sendo assim, podemos dizer que Lilith foi a primeira feminista e veio a se tornar símbolo de rebeldia, independência e luta contra o sistema patriarcal. Na visão de Sicuteri (1998, p. 109), “Lilith é a revolta contra Deus e contra Adão; ela tenta refundar uma nova moral sexual

e uma nova ética da relação entre criatura humana e Deus, entre mulher e homem”. Koltuv (1997, p. 43) conclui então que “a mulher vive a fuga de Lilith através da violenta raiva com que se recusa a submeter-se a um arrogante poder masculino, como se tal submissão fosse lógica, escolhendo, em vez disso, o desolado deserto e a companhia dos demônios”.

Lilith é a mulher em estado natural, antes de sofrer as transformações impostas pela cultura. Neste estado a mulher recusa-se a submeter-se ao homem seja no ato sexual, seja nas relações entre os sexos na vida cotidiana. Lilith, portanto, se reconhece como igual ao homem, não admitindo nenhuma hierarquia nem biológica, nem social. É sua igual e espera ser tratada assim pelo varão. (GOMES; ALMEIDA, 2007, p. 13).

Corroborando com tal lenda, o midrash “Alfabeto de Ben Sirak”, que compõe a coleção de escritos rabínicos chamado Talmud, datado entre os séculos VIII e X a.C., destaca que após ter abandonado Adão, a fim de se vingar, Lilith tem relações sexuais com vários demônios e acaba gerando filhos destes. D’us ainda tentou resgatá-la através dos anjos Sanvi, Sansavi e Samangelaf, porém ela se recusou a voltar. Por conta disso, Lilith é condenada a perder cem filhos por dia. Koltov (1997, p. 137) enfatiza que “é importante notar que o poder de Lilith é idêntico no sentido do impasse, às forças de Jeová. O confronto entre Lilith e os três anjos termina num eterno empate entre os poderes superior e inferior, entre o masculino e o feminino”.

Com isso, Deus criou Eva para substituir Lilith e ser a nova companheira de Adão. Para que não houvesse o risco de Eva usar o mesmo argumento de Lilith de que os dois eram iguais por terem sido formados da mesma matéria prima, D’us formou Eva a partir da costela de Adão. A criação de Eva teve como principal objetivo tirar de cena o arquétipo da mulher sedutora, perversa e demoníaca para substituí-lo pelo arquétipo da mulher pura, boa e submissa. Segundo Laraia (1997, p. 153), “Eva, porém, à sua maneira, repetiria o gesto de rebelião de sua antecessora”. De acordo com Nicolitto (2004, p. 119), “Eva é considerada pecadora duas vezes: contra Deus e contra o homem e obteve dupla pena: dor física e sujeição ao masculino”.

Ao longo da história, Gen 3, 1-24, tem sido utilizado para discriminar a mulher, fazendo recair sobre ela a culpa do pecado. De onde sua desqualificação pelas diferentes interpretações como “tentadora do homem”, aquela que perturba sua relação com a transcendência e que gera conflito nas relações entre os homens. A mulher é posta como causa de todos os pecados existentes no mundo, da ruptura da relação face-a-face com Deus e por isso, destinada a estar sob o domínio do homem. (CANDIOTTO, 2008, p. 40).

Algumas interpretações sugerem que Lilith se transformou na serpente do Éden que mais tarde veio a enganar Eva e a levou a comer do “fruto proibido”, trazendo para toda a humanidade a herança do “pecado original”. “O fruto proibido simboliza claramente a

consciência, uma vez que trouxe o conhecimento do bem e do mal, a noção de opostos. A consciência é o pecado original da arrogância, a *hybris* como a causa de todo o mal da humanidade” (PIRES, 2008, p. 63, grifo do autor).

De igual forma, a consciência do bem e do mal está diretamente relacionada à figura da serpente. “A serpente, no mito de Lilith, pode ser equivalente à manifestação do instintivo codificado pela pergunta: ‘Por que devo sempre deitar-me embaixo de ti? Também eu fui feita de pó e por isso sou tua igual’.” (SICUTERI, 1998, p. 20). Já de acordo com Pires (2008, p. 63-4), “a serpente representa o princípio espiritual, o princípio da *gnosis* do conhecimento ou da consciência emergente. Desse modo, ela pode ser considerada boa, pois libertou o homem e a mulher das amarras de Deus que criou o Jardim do Éden e os manteria na ignorância”.

Como Eva não foi criada diretamente da terra, era imperfeita, e por isso estava ligada a tentação da serpente, que no matriarcado representa a sabedoria e o conhecimento. Já no patriarcado, a serpente é vista como representante da sexualidade, ou seja, o demônio que induziu o homem a comer o fruto proibido. Eva, então, tornou-se culpada pelo pecado original, pois afastou o homem de Deus e recebeu suas maldições, como a morte e o trabalho infundável. (PIRES, 2008, p. 66).

Como castigo, os anjos que outrora foram enviados por D’us para resgatar Lilith mataram todos os seus filhos. Com isso, a mesma prometeu nunca mais se aproximar de um bebê que tivesse o amuleto com o nome dos anjos – Sanvi, Sansavi e Samangelafi.

Na demonologia cabalística, Lilith tem dois papéis primários: a de estranguladora de crianças e a de sedutora de homens. No Zohar, como em outras fontes, Lilith, essa figura de vários nomes, aparece como a feiticeira, a meretriz, a falsa, a sedutora. Em geral aparece como aquela que tira o sossego de mulheres grávidas, de crianças e, sobretudo, dos homens. (SILVA; MANGUEIRA, 2012, p. 197).

Segundo Laraia (1997, p. 152), “a crença em Lilith, durante muito tempo, serviu para justificar as mortes inexplicáveis dos recém-nascidos”. O mesmo autor afirma que “uma forma de proteger as crianças contra a fúria da bela demônia é escrever na porta do quarto os nomes dos três anjos enviados pelo Senhor. Outra maneira é a de afixar no berço do recém-nascido, três fitas, cada uma delas com um nome dos três anjos” (LARAIA, 1997, p. 152).

A punição de Lilith, por outro lado, reside no seu banimento da comunidade dos homens: no isolamento social e na solidão. Ela deve sofrer as conseqüências dos seus atos sozinha no deserto. Deve ainda atormentar com sua sensualidade e seu erotismo o sonho casto do santo, daquele que busca ter um coração puro. Nisto consiste a sua maldição. Ela agora não é apenas excluída, é temida. E pela força da sua sensualidade é também desejada. A relação de Lilith com o sexo oposto é marcada pela ambivalência: amor e ódio, atração e repulsão, medo e desejo, prazer e destruição. (GOMES; ALMEIDA, 2007, p. 14).



Desta forma, Lilith apresenta um caráter ambíguo e contraditório. Ao mesmo tempo que ela se manifesta como a mulher sedutora, que envolve os homens por meio dos seus encantos, podendo até mesmo desviar o mais puro deles, ela também vai se manifestar como a mulher demoníaca e repulsiva, cheia de sangue e saliva.

## 1.2. A FIGURA DE LILITH NA ANTIGUIDADE

A figura mitológica de Lilith não surgiu no período medieval, mas remonta a períodos remotos. “Embora existam muitos mitos acerca de seus primórdios, Lilith aparece nitidamente, em todos eles, como uma força contrária, um fator de equilíbrio, um peso contraposto à bondade e masculinidade de Deus, porém de igual grandeza” (KOLTUV, 1997, p. 17).

A palavra hebraica *lilith* – *lilita* em aramaico – aparece pela primeira vez em um fragmento de uma versão suméria da Epopeia de Gilgamesh, que foi traduzido, anotado e publicado por Samuel N. Kramer. O texto é baseado em cópias que foram preparadas de um esboço original nalgum tempo durante o período Isin Larsa (c. 1950-1700 a.C). O próprio original deve ser consideravelmente mais antigo, e se acredita hoje em dia que se pode datá-lo em cerca de 4000 a.C. (HURWITZ, 2013, p. 38).

A figura de Lilith, sob o nome *Lilitu*, era um demônio feminino de hábitos noturnos que estava comumente associado ao vento. Com o passar do tempo, essa figura mitológica foi assumindo outros simbolismos nas mais diversas culturas.

O povo de Israel não ficou imune aos mitos dos povos com os quais conviveu. Os diversos períodos no Egito bem como as constantes relações comerciais e conjugais com os povos egípcios, mesopotâmicos, sumérios, acádios e cananeus deixaram suas marcas na cultura e na religião israelita. As crenças relativas às deusas e à fertilidade do solo e dos rebanhos faziam parte do cotidiano popular deste povo em formação. (RIBEIRO, 2021, p. 11-12).

Na cultura babilônica, Lilith era representada por Ishtar, deusa da fertilidade. Segundo Hurwitz (2013, p. 44, grifo do autor), “ela é a deusa do amor sensual, luxúria e sedução. Consequentemente, ela é a deusa tutelar das prostitutas e, acima de todas, são as prostitutas do templo – as *hieródulas* – que servem a seu culto”.

As cerimônias orgiásticas frequentemente acontecem no serviço de Ishtar. Heródoto nos narra que na Babilônia toda virgem tinha de se entregar uma vez na vida por uma soma de dinheiro. No entanto, isso não era, de maneira alguma, considerado como prostituição, pois o desconhecido obviamente representava o deus. Como este desconhecido dormia com ela, esta consumação tornava-se um *hieros gamos* (matrimônio sagrado), em que a virgem era simbolicamente consagrada como a mulher do deus. (HURWITZ, 2013, p. 45, grifo do autor).

Na cultura judaica, por exemplo, Lilith está diretamente associada a espíritos malignos e à subversão. Já na tradição egípcia e greco-romana, a figura de Lilith está associada à Lua Negra [representada pela lua minguante] – o demônio das trevas e da obscuridade. “Lilith como Lua Negra é vista como destrutiva e demoníaca e a Lua Branca é a mulher boa. Ela como Lua Negra, é a representação do psiquismo inconsciente coletivo. É também a mulher fatal, o mal. É a repressão do inconsciente tanto masculino quanto feminino” (NICOLETTO, 2004, p. 128).

Na mitologia egípcia, Lilith era representada por Ísis, esposa de Osíris. “Ísis era capaz de regenerar a vida e restituir o amor ao homem, mas mesmo ela tinha seu ‘lado negro’.” (SICUTERI, 1998, p.36). Já na mitologia grega, ela era comumente associada à Hécate, deusa dos infernos, que segundo Sicuteri (1998, p. 40) “é uma figura triforme e isso cria uma analogia simbólica com as três fases lunares expressas numa só, que é a Lua Negra”. Não é por acaso que Lilith é considerada a “Rainha da Noite”. Lilith também é comumente associada à coruja. De acordo com Candido (2012, p. 178), “a associação de Lilith com a coruja - um pássaro predatório e noturno - evidencia uma conexão com vôo e terrores noturnos”. Sicuteri (1998, p. 50) acrescenta ainda que “o fato da tríplice deusa lunar poder ser identificada com várias figuras, de significado absolutamente oposto, desdobra o sentido interno do mitologema: uma única ideia base, isto é, a Lua, da fase ‘cheia’ à lua ‘negra’; a mulher, de sua atitude benévola à vingativa, castrante e ameaçadora”.

Outra figura da mitologia grega que se constitui no arquétipo de Lilith é a Lâmia. Tal entidade é um tipo de vampiro que geralmente se apresenta na forma feminina de uma mulher jovem de cabelos escuros. Ela também possui uma natureza híbrida, já que é comumente representada por um monstro, cuja cabeça é de mulher e o corpo de serpente. A Lâmia, tal como Lilith, é conhecida por ser devoradora de crianças e por seduzir os homens a fim de sugar-lhes o sangue até a morte. Isso porque, segundo a lenda, Lâmia ao seduzir Zeus, desperta o ciúme de sua esposa Hera. A fim de se vingar, a esposa passional de Zeus lança uma maldição sobre Lâmia, fazendo com que as crianças que dela fossem geradas nascessem mortas. Desde então, o seu principal alvo tem sido as mulheres grávidas, os bebês recém-nascidos e os homens. Com relação à Lilith, Koltuv (1997, p. 41) constata que “do mesmo modo que as filhas de Hécate e a Lâmia, ela faz com que o homem se levante, sobe em cima dele e cavalga-o, para seu próprio prazer e poder”.

A temática das Lâmias é semelhante à de Lilith: isto é, a liberdade e a paridade na relação amorosa com o macho. Aquilo que foi recusado à Lilith hebraica, de fato, é retomado e imposto — quase por uma lei de contra-passo — pelas Lâmias. Nos amplos sexuais, as Lâmias submetem o homem, que fica embaixo enquanto o

demónio [sic] o cavalga. Existem baixos-relevos áticos onde são representadas Lâmias cavalgando viajantes adormecidos. A posição tinha duplo sentido: uma, para o coito propriamente dito, a Lâmia se agachava com a vagina sobre o membro ereto do homem; noutra sentido, esmagava-o com os joelhos apoiados sobre o tórax, oprimindo-o no sono com excitações oníricas e poluição, com a violência da Mormolycea. (SICUTERI, 1998, p. 46)

Sicuteri (1998, p. 51) também faz menção ao mito das Amazonas que, para ele, “constituem a experiência arcaica daquilo que hoje é chamado, de modo bastante impróprio, feminismo”. As Amazonas viviam completamente isoladas dos homens e a fim de manejarem bem as armas e terem um melhor desempenho na guerra, elas amputavam o seio direito. O autor assinala ainda que “o elemento fundamental da psicologia das amazonas é: a rejeição ao homem e a intolerância absoluta em relação ao amor e ao matrimónio [sic]” (Sicuteri, 1998, p. 52). Outro arquétipo muito representativo de Lilith na mitologia grega é o da Sereia. “A Sereia é a imagem mais inconsciente e terrível de Lilith, distante e oculta da vista, pois reúne em si todas as características destrutivas” (SICUTERI, 1998, p. 58).

Porém, a figura mais icônica associada ao arquétipo de Lilith e que é unânime em quase todas as culturas é a figura da serpente. “Hécate, por exemplo, a deusa da Lua Escura, tinha cobras no cabelo, e Istar era representada como uma cobra por estar coberta de escamas. O falo é um terceiro elemento representado por esse animal na adoração prestada à deusa Lua” (PIRES, 2008, p. 64).

### **1.3. LILITH, EVA E MARIA: A TRINDADE FEMININA**

O conceito de trindade não é algo exclusivo do Cristianismo. Muitas outras culturas trataram sobre o tema, especialmente na mitologia, mas sob uma perspectiva diferente. Para o Cristianismo, a trindade é constituída em três pessoas distintas com uma única essência e geralmente está associada ao sexo masculino [Pai, Filho e Espírito Santo]. Não obstante, a trindade pode se manifestar sob as mais diversas configurações:

[...] Ou elas contêm exclusivamente figuras masculinas, como a trindade da Antiga Babilônia, Anu-Bel-Ea. Ou, se um elemento feminino é incluído, como na tríade babilônica Shamash-Sin-Adad ou na egípcia Osíris-Hórus-Ísis, ele se dá sempre em minoria. Uma trindade com dois elementos femininos nunca foi descoberta. Por outro lado, a mitologia nos apresenta tríades com elementos femininos tais como Moiras, Graas e Erínias. (HURWITZ, 2013, p. 39).

A proposta deste trabalho é trazer uma configuração trinitária completamente feminina, constituída por três mulheres com personalidades e essências totalmente distintas, porém, complementares. Ocupando uma posição diametralmente oposta, em contraste com a figura

mitológica de Lilith, que representa a mulher subversiva, sensual e independente, nos deparamos com a figura sagrada e maternal de Maria, mãe de Jesus, que representa o modelo de mulher submissa, modesta e obediente. Silva (2019, p.6) nos diz que “neste sentido, o imaginário da mulher ‘ideal’, como um ser submisso ao homem e que não possui autonomia sobre seu corpo e suas relações sociais, é direcionado à Maria, mãe de Jesus, que é descrita como uma mulher virgem e pura, digna de conceber o filho de Deus”.

Destaca-se que tanto Lilith quanto Maria herdaram a ideia da morte do filho, no entanto, enquanto que no caso lilithiano a morte é um castigo que a pune diariamente com o assassinato de cem de seus filhos, no caso de Maria seu filho morre, mas ressuscita, assemelhando-se aos mitos da Grande Mãe, mas diferenciando-se com a passividade de Maria, já que nos mitos do neolítico, a Grande Deusa que descia ao submundo para resgatar o filho. (VIEIRA, 2020, p. 26).

Vieira (2020, p. 29), acrescenta que “enquanto as imagens da Grande Deusa destacam a maternidade através dos seios fartos como o foco da nutrição do universo, as imagens de Lilith a apresentam entre dois extremos: estéril e dona de seios secos ou mãe de milhares de demônios”. Sendo assim, Maria “torna-se a mãe de toda humanidade para com a sua pureza livrá-la da contaminação original” (LARAIA, 1997, p. 157). Ribeiro (2021, p. 19) sublinha ainda que “o dogma da virgindade perpétua de Maria enfatizou sua característica de mãe virgem, relacionada à Deusa-Mãe-Terra, que concebe os seres por partenogênese, além de criar um elo de ligação desta à deusa virgem Diana/Ártemis”.

Maria, ao engravidar divinamente, sem conjunção carnal com José, une todo o milagre da maternidade com a pureza angelical da ausência de sexualidade. No entanto, essa caracterização é, além de simplesmente contraditória, impossível de ser atingida pela mulher real, as filhas de Eva, justo pela necessidade do sexo para a procriação. A imagem de Maria, dessa forma, determinaria um protótipo pelo qual a mulher deveria se esforçar ao máximo para atingir, mesmo que sua totalidade — a perfeição mariana —, seja frustrada pela sua impraticabilidade no mundo concreto. (VIEIRA, 2020, p. 45).

Por outro lado, Rodrigues (2007, p. 8) destaca que a figura de Lilith representa “a cisão do arquétipo da Grande mãe, uma vez que Lilith é também projetada na lua, sendo o lado negro do satélite: assim, é demônio terrestre e divindade celeste”. Na mesma linha de pensamento, Sicuteri (1998, p. 32) enfatiza que “Lilith, em um certo sentido, sofre uma cisão; de um lado permanece como espírito maligno terrestre evoluindo no símbolo da bruxa, de outro lado se torna uma divindade astral ligada à Lua, dando assim corpo à imagem da Lua Negra”.

Substituindo as deusas da Lua, a Virgem Maria recebeu também o epíteto de “Lua da Igreja” ou “a que possui a sabedoria perfeita”. Consequentemente, em sua invocação como Nossa Senhora da Conceição é retratada grávida e tendo a seus pés uma lua crescente. Sua imagem reflete o texto bíblico de Apocalipse 12.1-2, onde há o relato da batalha final entre a descendência da mulher e a serpente, prometida em Gênesis 3.15. A lua crescente sob seus pés cria uma associação simbólica direta às deusas Ártemis e Ísis facilitando o sincretismo e a absorção do cristianismo pelos povos

pagãos. A deusa Ártemis é comumente retratada segurando uma lua crescente (o arco) ou tendo-a sobre a cabeça; é deusa da lua, da caça, dos animais selvagens, do parto e da virgindade na mitologia grega. A lua crescente foi considerada também um atributo da deusa Ísis pelos gregos e romanos. (RIBEIRO, 2021, p. 19).

Já para Silva (2019, p. 2, grifo do autor), Lilith é “a representação arquetípica da *femme fatale*”:

O arquétipo da *femme fatale* traduz a subversão e a busca pela liberdade feminina, essa figura arquetípica exala força, perigo e sexualidade desafiando os padrões estabelecidos pelo patriarcalismo. [...] É uma figura feminina que rompe com os estereótipos de feminilidade ligados à pureza e submissão da mulher, evidenciando sua liberdade e autonomia, além de exaltar sua sexualidade. (SILVA, 2019, p. 3, grifo do autor).

Eva, por outro lado, apesar de ter sido formada da costela de Adão, sob a influência da serpente, acaba seguindo os passos de Lilith e se rebela contra o homem e o seu Criador. Mas ao contrário de Eva, que foi punida com a expulsão do Paraíso Edênico, Lilith decide partir por conta própria, mesmo tendo D’us tentado resgatá-la. É como se ela dissesse: “Quem disse que eu quero o Paraíso?”. Lilith se recusa ser salva. Ela é dona e senhora do seu próprio destino.

Na personificação da serpente percebe-se o simbolismo do texto: o homem e a mulher comem da árvore que dá conhecimento fora de Javé, porque quer mostrar que é Javé quem outorga esse conhecimento. Desde cedo há uma clara tentativa de tirar a palavra, o conhecimento, a religiosidade das mulheres e de confiná-las ao trabalho meramente reprodutivo. (LÓPEZ, 2017, p.55).

Para Sicuteri (1998, p. 20) “em Lilith há o pedido da inversão das posições sexuais equivalentes aos papéis, enquanto em Eva há o ato de transgressão da árvore, em obediência à serpente”. Desta forma, se Eva foi utilizada como o instrumento de perdição, Maria foi o canal que D’us usou para a restauração e salvação da humanidade. Segundo Nicolitto (2004, p. 122) “existe uma relação de compensação que não deixa a mulher livrar-se dessa estigmatização: Maria só veio para redimir Eva e a mulher sempre está associada à Eva, pelo pecado, ou cobrada para ser como Maria: humilde, submissa e co-redentora”.

Nicolitto (2004, p. 95) acrescenta ainda que “Maria consegue humanizar com Cristo algumas das restrições impostas para a mulher. Há a luta do velho que busca o novo. A força feminina ressurgem com atitudes maternas e com o culto de Maria ressurgem a natureza e o culto à Deusa”. Desta forma, é na condição de esposa e mãe que a mulher vai encontrar a redenção para sua alma. De acordo com Silva (2019, p.1), “estas personagens são, ao mesmo tempo, antagônicas e complementares e seus mitos trazem as definições arquetípicas do ser mulher e de suas implicações sociais”. De acordo com Nicolitto (2004, p. 124), “uma representa a sociedade patriarcal e a outra a libertação e a representação da Deusa, da Grande-Mãe”.

As conseqüências da repressão da sexualidade de Lilith são entre outras a dissociação entre a maternidade e a sexualidade, o duplo padrão de moral e o controle da sexualidade masculina. Tal dissociação criou a figura da esposa dissociada da imagem da mulher, o que significa que o homem ocidental não consegue identificar a esposa e a amante numa mesma mulher, recorrendo ao duplo padrão de moral para realizar seus desejos sexuais. O que se observa frequentemente é que ele matem [sic] a esposa em casa para lhe dar filhos e a amante para lhe dar prazer. Este padrão vem sendo quebrado pelas mulheres que não mais aceitam esta condição de mulher incompleta que as coloca numa condição humilhante perante Deus e o homem. (GOMES; ALMEIDA, 2007, p. 16).

Na sociedade androcêntrica patriarcal, a esposa é comumente associada à imagem sacra da virgem Maria, devendo ser a mesma pura, recatada e observadora dos bons costumes, desprovida de qualquer sensualidade e desejos considerados impróprios. Já a amante, geralmente associada à figura de Eva, é aquela que leva o homem a comer do “fruto proibido”, a se desviar dos propósitos do Criador. É a mulher atraente, sedutora, fonte dos prazeres mais ocultos e proibidos. Sendo assim, a amante é a personificação da figura mitológica de Lilith.

## **1.4. LILITH EM DIÁLOGO COM OUTRAS FIGURAS FEMININAS BÍBLICAS**

### **1.4.1. CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL**

Apesar do fato do mito de Lilith ter sido removido da história, restando somente alguns vestígios, ao longo da narrativa bíblica podemos encontrar ecos dessa figura mitológica em outras personagens bíblicas que se destacam pelo seu comportamento subversivo e de “empoderamento”. Porém, antes de analisarmos o perfil de tais mulheres, devemos levar em consideração a tradição, o contexto histórico e cultural em que essas mulheres estão inseridas que é a cultura judaica.

Os escritos bíblicos surgem dentro de um contexto vital e concreto que lhe dá tom, finalidade e sentido. Ainda, os textos bíblicos refletem a complexidade de um mundo plural que muitas vezes entra em conflito, mas lembremos do contexto de cada comunidade. É a partir daí que são construídos e tomam sentido de acordo com a intenção do autor. (NICOLITTO, 2004, p. 98).

Nicolitto (2004, p. 97) acrescenta ainda que a Bíblia “está inserida na história e reflete a organização sociocultural, bem como as crenças do povo”. Há também a relação entre diversas gerações de diferentes épocas. O próprio D’us é designado nas Escrituras Sagradas como “pai”, o que subtende que, diferentemente de Adão, a mulher não teria sido criada à imagem e semelhança Dele.

Ora, associar a figura de Deus ao masculino significou um distanciamento da mulher do divino. Qualquer mulher só pode se identificar com o Deus-Pai hebraico através da negação de sua própria identidade. Ser mulher passou a significar estar mais propensa ao mal, mais suscetível às ciladas do demônio. (LIMA, 2010, p. 3).

Uma das poucas passagens em que Deus é comparado de forma indireta à mãe encontra-se em Is 49:15 que diz: “Pode uma mulher esquecer-se tanto do filho que cria, que se não compadeça dele, do filho do seu ventre? Mas, ainda que esta se esquecesse, eu, todavia, me não esquecerei de ti”. Não obstante, de acordo com Vieira (2020, p. 25), “a natureza segue associada às deusas, mas inferiorizada por seguir sendo uma constante, ligada ao instinto, enquanto que o caráter reflexivo, o ‘espírito’, o ser que ordena, é associado aos deuses, seres que passam a ser entendidos como superiores”. Segundo a Cabala, Deus teria duas naturezas, uma masculina e outra feminina, onde a primeira seria una e a segunda seria dupla, representadas pela figura da Shekhiná, ou seja, o lado bom da divindade, e a figura de Lilith que é o lado sombrio e vingativo da divindade.

As forças da sexualidade, do nascimento, da vida e da morte, do mágico ciclo da vida eram, originalmente, governadas pela Deusa. Com o advento do patriarcado, o poder de vida e morte tornou-se uma prerrogativa do Deus masculino, enquanto a sexualidade e a mágica foram separadas da procriação e da maternidade. Neste sentido, Deus é Uno, ao passo que a Deusa tornou-se duas. (KOLTUV, 1997, p. 27).

No Israel bíblico os homens eram considerados mais importantes do que as mulheres. O pai ou o homem mais idoso da família tomava as decisões que afetavam todo o grupo familiar, ao passo que as mulheres tinham muito pouco que dizer sobre elas. Este modelo de família patriarcal, ou seja, centrada no pai, determinava como as mulheres eram tratadas em Israel. Por exemplo, uma menina era educada para obedecer ao pai sem questionar. Depois, quando se casava, devia obedecer ao marido da mesma forma. Se ela se divorciava, ou enviuvava, quase sempre voltava a viver na casa do pai. Se analisarmos o texto de Levítico 27:1-8, constatamos que o mesmo sugere que uma mulher valia apenas a metade de um homem. Segue o texto para análise:

1. Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: 2. Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando alguém fizer particular voto, segundo a tua avaliação serão as pessoas ao Senhor. 3. Se for a tua avaliação de um homem, da idade de vinte anos até a idade de sessenta, será a tua avaliação de cinquenta siclos de prata, segundo o siclo do santuário. 4. Porém, se for mulher, a tua avaliação será de trinta siclos. 5. E, se for de cinco anos até vinte, a tua avaliação de um homem será vinte siclos e da mulher dez siclos. 6. E, se for de um mês até cinco anos, a tua avaliação de um homem será de cinco siclos de prata, e a tua avaliação pela mulher será de três siclos de prata. 7. E, se for de sessenta anos e acima, pelo homem a tua avaliação será de quinze siclos e pela mulher dez siclos. 8. Mas, se for mais pobre do que a tua avaliação, então apresentar-se-á diante do sacerdote, para que o sacerdote o avalie; conforme as posses daquele que fez o voto, o avaliará o sacerdote. (BÍBLIA, Levítico, 27, 1-8).

Da mesma forma, a chegada de uma filha era menos bem recebida do que a chegada de um filho. López sublinha que “a impureza da mulher que tem uma filha é maior do que a daquela que dá à luz um varão. O período de purificação depois de dar à luz um filho era de trinta e três dias, porém, se desse à luz a uma menina, o período era duplicado (Lv 12.1-5)”. De acordo com Neuenfeldt (2017, p. 81), “em todos os textos bíblicos que relatam nascimentos, são raros os que dão detalhes sobre o nascimento de uma menina. Há poucas referências e muitas vezes nem seu nome é dito”. Os meninos eram ensinados a ser chefes de família e a exercer cargos de liderança. Por outro lado, as meninas eram criadas para casar e ter filhos. A jovem nem mesmo pensava numa carreira fora do lar. Esperava-se que ela fosse “auxiliadora” do marido e lhe gerasse muitos filhos. Se a mulher não tinha filhos, era tida como amaldiçoada.

O trabalho feminino na cultura israelita está estritamente relacionado à função corporal da maternidade. A instituição da maternidade é um mecanismo de poder empregado pelos homens em nome de Deus, e este Deus aparece quase sempre relacionado às mulheres por meio de problemas relativos a seus corpos. A visibilidade do trabalho feminino na maioria das mulheres bíblicas acontece por meio de seus corpos, e estes são visíveis por seus ventres, pela maternidade. (LÓPEZ, 2017, p. 52).

De acordo com Nicolitto (2004, p. 96), “a vocação natural, segundo o A.T., era o gerar, e as mulheres que não podiam ou não o fizessem eram tidas como detentoras do castigo de Deus, pois a criação era considerada pela Igreja e seus dogmas como uma dádiva a quem merecesse ou não tivesse pecados”. Desta forma, em uma sociedade permeada por princípios e comportamentos androcêntricos, o valor da mulher era mensurado pelo seu papel de esposa e sua capacidade de gerar.

A obrigação básica e sagrada de procriação prevalecia dentre todas as obrigações conjugais. Assim, quando uma esposa fosse estéril, o casamento poderia ser invalidado, baseando-se na passagem do Gênesis em que Deus ordenou primeiramente a procriação para o casal original e, só depois, ordenou a união por meio do casamento. (PIRES, 2008, p. 56).

Legalmente, a mulher também era inferior ao homem. Por exemplo, o homem podia divorciar-se da esposa "por ter ele achado coisa indecente nela", mas à esposa não era permitido divorciar-se do marido por nenhuma razão (Deuteronômio 24:1-4). A Lei declarava que a esposa suspeita de ter relações sexuais com outro homem devia fazer prova de ciúmes (Números 5:11-31). Contudo, não havia prova alguma para o homem suspeito de infidelidade com outra mulher.

A Lei dizia, também, que o homem podia fazer um voto religioso, e esse voto era válido (Números 30:1-15); mas o voto feito por uma mulher podia ser anulado por seu pai ou, se ela fosse casada, pelo marido. O pai de uma mulher podia vendê-la para pagar uma dívida (Êxodo



21:7), e ela não podia ser libertada depois de 6 anos, como podia o homem (Levítico 25:40). Em geral, só os homens possuíam propriedade. Mas quando os pais não tinham filhos varões, as filhas podiam receber a herança. Contudo, deviam casar-se dentro do clã para conservá-la (Números 27:8-11).

De acordo com Feldman (2006), depois da destruição do Primeiro Templo, novas leis surgiram e antigas leis foram adotadas com mais rigor ainda do que antes, como por exemplo aquelas que tratam sobre o sangue. Em várias passagens bíblicas, na maioria das vezes, quando faz-se referência ao sangue, o mesmo tem o sentido de “vida”, como podemos constatar em Lv 17.11: “Porque a vida da carne está no sangue; pelo que vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas; portanto é o sangue que faz expiação, em virtude da vida”.

Feldman (2006, p. 261) sintetiza que “a partir dessa concepção inicia-se a lenta construção de uma visão da impureza ritual das mulheres: a menstruação seria uma situação definida como de impureza”. De acordo com Neuenfeldt (2017, p. 84) “a palavra menstruação em hebraico niddah tem um campo semântico próximo ao verbo nadah, que significa separar, ou naddad, que significa mover para longe”.

O uso metafórico da menstruação para referir-se ao pecado ou à condenação aparece em textos de Esdras e Ezequiel. Esdras usa o termo para aludir à degradação moral no contexto de expulsão das mulheres estrangeiras e sua proposta de pureza racial (9.10-11). Ezequiel adota o termo para condenar a imoralidade. Ambos os textos têm fortes influências sacerdotais na sua redação, portanto refletem uma tradição ou uma parcialidade sobre a impureza ligada ao templo e às leis de preservação e manejo com o santuário. (NEUENFELDT, 2017, p. 86-87).

Feldman (2006) faz referência também à benção matutina que até hoje é recitada por comunidades mais ortodoxas que diz: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste mulher”, colocando a mulher no mesmo patamar de igualdade com os ídólatras e com os escravos. Para ele, isso “não passa de um pretexto para excluir a mulher de participar ativamente de várias esferas da sociedade como, por exemplo, a esfera religiosa, acadêmica e até mesmo da vida pública” (FELDMAN, 2006, p. 262). “Por carregar em seus corpos realidades que são vistas como perigosas e misteriosas, as mulheres precisam ter sua corporeidade delimitada, demarcada pelo poder masculino oficial e sacerdotal” (NEUENFELDT, 2017, p. 90).

Corpos de mulheres e homens são afetados e regulamentados, separados e classificados de acordo com seus processos biológicos. Mas os corpos das mulheres sofrem mais diretamente em sua corporeidade e identidade devido à sua localização social e ao espaço que ocupam na estruturação patriarcal e androcêntrica da sociedade. O sangue que flui de seus corpos, que é fruto de uma realidade biológica e natural, sofre construções e regulamentações culturais. O que é perigoso e ambíguo por estar

fora de controle, o que pode ser poderoso por ser misterioso é ameaçador e precisa ser regulamentado, controlado e enquadrado. (NEUENFELDT, 2017, p. 91).

Não obstante as tentativas de subjugação da mulher, podemos encontrar exemplos de mulheres que conseguiram romper com esta barreira e podem ser consideradas como arquétipos de Lilith. De acordo com Ribeiro (2021, p. 28), “os arquétipos ancestrais do feminino permanecem através dos tempos, ainda que submersos nas tramas de condução narrativa masculina das histórias bíblicas”. “O Velho Testamento, que documenta o advento do patriarcado, está repleto de histórias de mulheres que usam seu poder de sedução - a sua Lilith -, de modo consciente, para realizar os objetivos de seus egos” (KOLTUV, 1997, p. 75). Para nossa pesquisa, selecionamos quatro mulheres, quais sejam: Raabe, Bate-Seba, Jezabel e Vasti.

#### **1.4.2. RAABE: A FIGURA DA PROSTITUTA**

No Livro de Josué, encontramos a história de uma prostituta chamada Raabe. Apesar dos estereótipos e preconceitos que giram em torno da figura da prostituta, Raabe foi uma personagem importantíssima na história do povo de Israel, já que a mesma se encontra na genealogia do rei Davi da qual viria o Messias. No contexto do nosso trabalho, Raabe personificaria a natureza sensual de Lilith. Segundo Koltuv (1997, p. 59), “Lilith, a sedutora, é descrita pelos cabalistas como uma prostituta que fornicava com homens. Ela é chamada de a Serpente Tortuosa, porque seduz os homens a seguir caminhos tortuosos. Ela é a Mulher Estrangeira, a doçura do pecado e a língua má”.

Apesar de se constituir em uma das profissões mais antigas do mundo, as prostitutas nunca foram bem vistas pela sociedade, nem em tempos passados e nem nos atuais. Sendo assim, a figura da prostituta sempre foi marginalizada, sendo encarada como um ser impuro e considerada um ser de “segunda classe”. Porém, foi por intermédio de uma prostituta estrangeira que os hebreus puderam tomar posse da terra de Canaã, que neste período já era habitada por outros povos.

Ao ajudar o povo inimigo, Raabe coloca em risco a sua própria vida e de sua família, mas isso não a intimida. Raabe tinha o “espírito de Lilith”, mulher corajosa e destemida. Mas sua participação não pára por aí. Além de abrigar os espias, Raabe veio a se casar com Salmom, filho de Naassom, príncipe da Tribo de Judá, nascido provavelmente durante a peregrinação de 40 anos no deserto. Naassom foi fundador da cidade de Belém (1Cr 2.51,54). Da sua união com

Salmom, Raabe gerou Boaz, o mesmo que se casou com a moabita Rute, um outro exemplo de estrangeira que se converteu ao judaísmo. Boaz também foi avô de Davi, um dos mais icônicos reis de Israel.

### **1.4.3. BATE-SEBA: A FIGURA DA MULHER ADÚLTERA**

No livro de 2 Samuel, capítulo 11, nos deparamos com a história de Bate-Seba e Davi. Neste momento, Davi já era rei de Israel que estava em guerra contra os amonitas. Era costume da época, os reis irem juntamente com o seu exército para o campo de batalha, porém Davi decidiu permanecer em Jerusalém no palácio real. Em um dado momento, Davi vai até o terraço do palácio e se depara com a visão de uma mulher nua se banhando. No mesmo instante, Davi se vê tomado pelo desejo e pela cobiça. Aqui, encontramos a personificação da Lilith sedutora, que envolve os homens com a sua beleza e encantos.

Logo Davi pede para que um dos seus serviçais investigue quem era a tal mulher e descobre que a mesma se tratava de Bate-Seba, filha de Elã e esposa de Urias, soldado heteu a serviço do exército de Israel. Mesmo sabendo que Bate-Seba era uma mulher casada, Davi envia mensageiros e pede para que ela venha ao seu encontro. A mulher, então, vem ao encontro do rei Davi e ambos têm relações sexuais. Bate-Seba volta para sua casa, mas dias depois, a mesma descobre que está grávida e manda avisar ao rei. Fazendo uma analogia com o mito de Lilith, da mesma forma que Lilith trai Adão com Samael, Bate-Seba trai Urias com Davi. Por conta disso, Bate-Seba é a representação da figura da mulher adúltera, que se constitui em uma das facetas de Lilith.

Ribeiro (2021) faz uma analogia entre Bate-Seba e Perséfone, que se constitui, no mundo antigo, em uma das representações de Lilith. Na mitologia grega, Hades, atingido por uma flecha de Eros, se apaixona por Perséfone e resolve raptá-la. A mando de Zeus, Hermes vai até o submundo para resgatar Perséfone, porém Hades ludibria Perséfone e faz com que a deusa ingerisse 6 sementes de Romã, a fim de fazê-la retornar ao submundo de tempos em tempos. Metade do ano, no período de primavera-verão, a deusa passava no Olimpo com Hermes e a outra metade, no período de outono-inverno, no submundo com Hades. Sendo assim, da mesma forma que Hades sequestrou Perséfone, Davi se utilizou da sua autoridade como rei para usurpar a mulher de Urias.

Da mesma forma podemos entender a relação sexual entre Davi e Bate-seba como um mito hierogâmico indutor da fertilidade na história de Israel. Enquanto Bate-seba estava casada com Urias, não houve o nascimento de filhos numa associação simbólica ao outono-inverno. Após unir-se a Davi, Bate-seba será fértil, associando esta união à primavera-verão. Como no mito de Perséfone, Davi, após o sequestro de Bate-seba, a devolve ao marido Urias e, depois, novamente a retoma para o seu palácio. Bate-seba, como Perséfone, ficará dividida entre o amor de Urias e de Davi e precisará vivenciar o luto antes de se tornar instrumento pleno de vida e fertilidade. (RIBEIRO, 2021, p. 14).

Para despistar o seu delito, Davi pede que Joabe, comandante do exército de Israel, lhe traga Urias para ter com ele. Quando Urias chega em sua presença, Davi tenta convencê-lo a ir para casa descansar, assim, ele teria relações com sua esposa e o filho poderia se passar como sendo dele. Porém Urias se recusa, já que para ele não seria justo ele estar em casa com sua esposa descansando, enquanto seus companheiros estavam na guerra lutando.

Percebendo que o seu plano não havia dado certo, Davi resolve tomar uma atitude drástica. Ele manda uma carta para Joabe, por intermédio do próprio Urias e pede para que o comandante o coloque na frente de batalha, onde a chance de morte era quase certa. Não demorou muito tempo, para que a notícia da morte de Urias chegasse. Davi esperou apenas o período de luto da viúva e logo a tomou por esposa. Porém, o fruto do adultério não vingou, mesmo tendo Davi suplicado a Deus pela vida da criança.

Mais tarde, Bate-Seba engravidou novamente de Davi e deu à luz a Salomão – o rei mais sábio de Israel e aquele que veio a assumir o lugar de seu pai Davi no trono. Bate-Seba, apesar de ter ficado marcada pelo seu adultério com Davi, foi uma mulher muito ativa e influente nos reinados de seu esposo Davi e de seu filho Salomão. Especialmente no episódio em que já próximo da morte do rei Davi, seu filho primogênito Adonias reivindica o trono, mas Bate-Seba juntamente com o profeta Natã convence Davi a nomear Salomão como seu sucessor.

#### **1.4.4. JEZABEL: A FIGURA DA MULHER DEMONÍACA**

Jezabel era uma princesa fenícia, esposa do rei de Israel Acabe, mais especificamente do reino do norte. O casamento de ambos foi um acordo diplomático entre Israel e Tiro. Além de se destacar pela sua rebeldia e sedução, Jezabel era uma mulher extremamente dominadora e manipuladora.

Com sua forte influência sobre o marido, ela conseguiu introduzir a adoração a Baal em uma cultura predominantemente monoteísta. Os cultos a Baal eram seguidos de Sacrifícios

humanos e orgias sexuais. Era comum que seus adoradores sacrificassem crianças como uma forma de agradá-lo. Nos cultos à Lua Negra, como muitas vezes Lilith é mencionada, haviam também oferendas e orgias sexuais até mesmo com demônios.

Além de introduzir o culto a Baal, Jezabel passa a perseguir os profetas de Israel, chegando a matar centenas deles. Elias, um dos profetas mais respeitados e conceituados da nação de Israel, em um determinado momento, temeu por sua vida e fugiu das investidas de Jezabel e se escondeu em uma caverna no monte Horebe. Este episódio revela a faceta destrutiva de Lilith.

Jezabel também tramou um plano nefasto contra Nabote, quando desejando comprar a sua vinha, ele se recusa por ser uma herança de família. Jezabel, então, consegue dois homens para dar falso testemunho de Nabote, de que este teria amaldiçoado a Deus e ao rei, sendo, portanto, condenado à morte injustamente. Por conta de seu plano diabólico, como castigo divino, Jezabel acaba tendo uma morte terrível: Elias ordena que ela fosse arremessada da janela de uma torre e depois foi despedaçada por cães.

Definitivamente, Jezabel não se encaixava no padrão de mulher virtuosa do seu tempo. De todas as personagens bíblicas que representam a figura mitológica de Lilith, Jezabel é a que mais se identifica com o estereótipo da mulher destrutiva e demoníaca.

#### **1.4.5. VASTI: A FIGURA DA MULHER SUBVERSIVA**

No livro de Ester, apesar da personagem que dá nome ao livro ser apresentada como a protagonista da trama, existe outra personagem que é extremamente importante, porém sua aparição é breve. Ela surge apenas no primeiro capítulo, mas sua performance é impactante o suficiente para deixar a sua marca na história. Essa mulher é Vasti – o arquétipo da mulher rebelde, insubmissa e subversiva.

Vasti foi a primeira esposa do rei Assuero, rei da Pérsia, antes da rainha Ester. No terceiro ano do seu reinado, Assuero resolve dar um banquete para os principais príncipes e nobres de Susã. Até mesmo os servos foram convidados para o banquete. O rei fez questão de ostentar para todos os convidados sua riqueza e poder. Em outro aposento do palácio, Vasti também oferecia um outro banquete somente para as mulheres convidadas. Quando foi no sétimo dia das festividades, estando já muito embriagado, Assuero exige que Vasti se apresente

aos seus convidados. Com isso, como diz o ditado, ele pretende matar dois coelhos com uma cajadada só: se gabar pela beleza de sua esposa e demonstrar sua autoridade sobre ela. Vasti, então, desobedece a ordem do rei que fica furioso. Diante de tal posicionamento, Assuero decide pedir orientação aos seus conselheiros sobre que atitude ele deveria tomar com relação à Vasti. Foi quando, um dos seus conselheiros mais influentes lhe advertiu:

16 [...] Não somente pecou contra o rei a rainha Vasti, mas também contra todos os príncipes e contra todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero. 17 Porque a notícia deste feito da rainha sairá a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seus maridos aos seus olhos, quando se disser: Mandou o rei Assuero que introduzissem à sua presença a rainha Vasti, porém ela não veio. 18 E, neste mesmo dia, as princesas da Pérsia e da Média dirão o mesmo a todos os príncipes do rei, ouvindo o feito da rainha; e, assim, haverá assaz desprezo e indignação. (BÍBLIA, Ester, 1, 16-18).

Se o rei não tomasse uma providência de imediato, ele perderia sua autoridade não apenas diante de sua esposa, mas também diante de seus subordinados, e mais, diante de toda uma nação. Assuero acata, então, o conselho de Memucã e proclama um edito real em que Vasti é terminantemente proibida de comparecer na presença do rei e que a mesma fosse substituída por outra rainha melhor do que ela. Tal punição deveria servir de exemplo para que outras mulheres, vendo o exemplo de Vasti, também não viessem, por acaso, a se rebelarem contra os seus maridos.

O rei então enviou cartas para todas as províncias do seu reino que dizia “Que cada homem fosse senhor em sua casa; e que isso se publicasse em todos os povos conforme a língua de cada um” (Ester 1:22). “Assim, verificamos a dominação das instituições, inclusive da família. A ordem exige que o marido domine sua casa, assim como o rei manda em seu povo. A ação de Vasti pode provocar não só a queda da casa do rei, mas também de seu reinado” (NICOLITTO, 2004, p. 107). Nicolitto (2004, p. 107), acrescenta ainda que tal edito “sugere a mulher como objeto, pois o homem é seu dono”.

Tal passagem expõe uma sociedade androcêntrica patriarcal em que o homem se apresenta como a autoridade máxima, não apenas na esfera pública, mas principalmente na esfera privada. Nessa sociedade, a mulher se constitui apenas em propriedade do homem com a finalidade de procriação e objeto do seu prazer. A grande maioria das mulheres obedeceriam à ordem do rei, mas Vasti era uma mulher à frente do seu tempo. Antes de se casar com Assuero, ela já era uma princesa. Ela tinha a sua dignidade e sabia que o seu valor não dependia da aprovação e da aceitação de homem algum. Por conta disso, Vasti é apresentada como a figura da mulher subversiva e transgressora.

## 1.5. LILITH NA LITERATURA JUDAICO-CRISTÃ E SEU APAGAMENTO DO CÂNONE SAGRADO

Apesar de estar presente na tradição oral de diversas culturas, transmitida por meio do mito, da arte e da religião através das gerações, especialmente na cultura judaico-cristã, que é o objeto de nossa pesquisa, a narrativa do mito de Lilith não foi inserida no cânone pelos Pais da Igreja<sup>2</sup>, antes foi apagada, restando apenas pequenos indícios no livro do profeta Isaías: “E os cães bravos se encontrarão com os gatos bravos; e o sátiro clamará ao seu companheiro; e os *animais noturnos* ali pousarão e acharão lugar de repouso para si” (BÍBLIA, Is 34, 14, grifo nosso). Neste versículo, o que os escribas traduziram intencionalmente como *animais noturnos*, na versão jovista, o termo faz referência direta à Lilith. Sendo assim, o mito de Lilith é considerado uma literatura apócrifa ou deuterocanônica.

[...] O processo de constituição do cânon bíblico, primeiramente marcado pela passagem da tradição oral até tornar-se Escritura, foi marcado por intencionalidades patriarcais-coloniais de marginalização e exclusão das mulheres da memória bíblica. Na tradição escrita, em muitos casos, as palavras das mulheres foram deixadas de fora ou foram apresentadas de forma distorcida, controlada pelas elites letradas masculinas (SANTOS; MUSSKOPF, 2018, p. 342).

Segundo Sicuteri (1998, p. 12), a lenda “foi perdida ou removida durante a época de transposição da versão jeovística para aquela sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos Pais da Igreja”. Barreto e Cecarelli (2015, p. 133) acrescentam ainda que “os interesses patriarcais dos editores acabaram por bani-la dos textos bíblicos oficiais pela inadmissibilidade da igualdade entre os gêneros e, principalmente, a autonomia sexual feminina”.

Cerca do ano 100 a.C., os rabinos preocupados com a canonização do Torah consideraram como verdadeiros todos os textos que foram produzidos antes de 500 a.C., mantendo uma constante discussão sobre os demais. Este processo culminou entre a queda de Jerusalém (70 a.C.) e o ano de 135, pelos componentes da chamada escola de Yavneh. A partir desta época nenhum novo livro podia ser acrescentado e rejeitado. Tal fato deixou de lado um considerável número de textos em hebreu ou aramaico, que foram então denominados os livros escondidos ou os apócrifos. (LARAIA, 1997, p. 160)

---

<sup>2</sup> Os Pais da Igreja foram os principais líderes e mestres da igreja primitiva entre os séculos II e VIII E.C. A palavra “Pai” era uma designação comum atribuída pelos cristãos aos bispos e presbíteros da Igreja. Daí vem a expressão “Pais da Igreja”. Esse período da história da Igreja ficou conhecido como “Cristianismo Patrístico”. A Era Patrística teve início com a morte do último apóstolo de Jesus, o apóstolo João. Todos os apóstolos de Jesus haviam morrido, o que fez com que a liderança da igreja passasse por um período de transição. Os pais da Igreja são classificados em três categorias principais: Pais Apostólicos, Apologistas e Teólogos.

Na visão de Schmitt (2016, p. 459), “o mito de Lilith envolve diferentes aspectos da estrutura de pensamento humano e a sua evolução. [...] Os mitos da existência de deusas ou demônios, que não se submetiam à estrutura patriarcal, podem ajudar a compreender o sistema de opressão que ainda está vigente em nosso tempo”. Ainda, nesta mesma linha de pensamento, Rodrigues (2007, p.8) afirma que “o mito simboliza a força sexual e psíquica feminina, que amedronta o universo masculino pela sensação de impotência que tal força lhes gera”. Por isso, optou-se por retirar do cânone a versão da primeira mulher rebelde e manter apenas a versão da segunda mulher, “submissa” e “obediente”.

A metáfora edênica não apenas assegurou a manipulação de corpos, mas inaugurou a produção de verdades a respeito do sujeito, e nesse caso, uma verdade sem precedentes sobre a mulher, cujo castigo foi moral: ela, que pecou porque sua natureza era inferior, deveria ter seus desejos servidos ao homem, ao seu marido. Uma desigualdade de gênero ímpar. (BARRETO; CECARELLI, 2015, p. 133).

Ainda hoje, as mulheres são responsabilizadas por grande parte dos males que ocorrem no mundo. Até mesmo os erros cometidos pelos homens, acabam recaindo indiretamente sobre os ombros das mulheres, induzindo-os à perdição. Desta forma, a mulher sempre foi vista, desde os tempos antigos, como o elo mais fraco, como um ser volúvel e passível de corrupção e, por conta disso, deve se submeter a autoridade do homem que é considerado mais evoluído, não apenas no aspecto biológico, mas também espiritual, ou seja, menos suscetível às fraquezas terrenas.

## **1.6. LILITH NA IDADE MÉDIA: A FIGURA DA BRUXA**

Na Idade Média, a figura mitológica de Lilith vai se materializar no símbolo imagético da bruxa. Neste período, muitas mulheres foram rotuladas assim e foram queimadas literalmente pela Santa Inquisição, seja por seus conhecimentos ou comportamentos que fugissem aos padrões morais e religiosos da época. Algumas eram acusadas de curandeiras, pelo simples fato de manipularem remédios por meio das ervas que, muitas vezes, era a única opção para a população menos favorecida.

Na lógica patriarcal, o poder da bruxa advinha de sua convivência com os demônios e do seu pacto com o diabo. Era inconcebível imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. (ZORDAN, 2005, p. 333).

Segundo Zordan (2005, p. 339), “bruxa é aquela que se compõe junto a uma grande variedade de pré-conceitos pensados sobre o feminino, sobre o corpo, a natureza e os ciclos de



nascimento, vida e morte”. Tosi (1998, p. 394) acrescenta ainda que “a questão da bruxaria e da caça às bruxas constitui um tema de reflexão e estudo intimamente relacionado com a problemática da mulher e a ciência, por tratar-se da repressão de um saber, ainda que empírico, praticado pelas mulheres”.

A medicina nascente da época, preocupada em se legitimar e deslegitimar as mulheres - que cuidavam do parto, alívio de doenças através de poções e ervas -, ratifica o pensamento cristão acerca das mulheres, reforçando a idéia de que o saber da curandeira era perigoso. A capacidade das mulheres de prepararem poções e ervas passou a ser associada à sua capacidade de associar-se ao mal. Diante da figura da mulher, que o imaginário cristão considerava maléfica, foi relativamente fácil estabelecer a caça às bruxas e, neste sentido, ao sexo feminino (LIMA, 2010, p. 5).

Mulheres solteiras que tivessem um animal de estimação, especialmente gatos, também eram tidas como bruxas, pois entendia-se que as mesmas não queriam se sujeitar à autoridade de um homem. Outras, eram acusadas até mesmo de terem relações sexuais com demônios. Tais mulheres eram torturadas até confessarem crimes que nunca haviam cometido. A grande maioria delas eram plebeias, ou seja, pertenciam à camada popular da sociedade. Existia também a crença de que as bruxas eram responsáveis pela impotência sexual masculina e a frigidez feminina. Segundo o *Malleus Maleficarum*, conhecido também como o “Martelo das Feiticeiras”, manual usado pela Santa Inquisição de combate aos hereges, a solução para esse mal era que, tanto o homem quanto a mulher deveriam ter relações sexuais apenas para fins de procriação e exclusivamente dentro do casamento. Tal manual se constituiu no auge da demonização feminina.

No léxico catequizante das eras que antecedem ao contemporâneo, a bruxa era o expurgo de todos os males atribuídos ao feminino, começando com o pecado original e a desobediência da “primeira mulher”, pintada como colaboradora de Satã. Protagonista de inúmeras condenações, a bruxa serviu como função pedagógica de cunho moralizador durante os séculos em que a Igreja focou a doutrina cristã no combate ao mal, inimigo personificado como o demônio, o adversário de Deus, Satanás. (ZORDAN, 2005, p. 333).

“Honrando o mito bíblico, a Lilith medieval andava à caça até de recém-nascidos e crianças ainda não batizadas, para arrastá-las para longe de casa, matá-las e até devorá-las; [...] e, se uma pessoa ficava doente, havia sempre a suspeita de feitiçaria” (SICUTERI, 1998, p. 66). Por isso, existia um ritual que era feito logo que o bebê nascesse, em que os pais colocavam nele o amuleto de Arslan Tash a fim de protegê-lo da influência de Lilith. Se o recém-nascido fosse menino, ele tinha que ficar com o amuleto por 8 dias, se fosse menina, os pais só poderiam tirar o amuleto somente após 20 dias.

Desta forma, podemos dizer que a figura da bruxa nada mais é do que a representação da luta e da resistência das mulheres, ao longo dos séculos, contra a subjugação masculina e o sistema androcêntrico patriarcal. “Rompendo leis que certamente ignoravam, as bruxas encarnam tudo o que é rebelde, indomável e instintivo nas mulheres. Tudo aquilo que, nesse tipo de sociedade, demanda severas punições para que o feminino ‘selvagem’ se dobre ao masculino ‘civilizado’.” (ZORDAN, 2005, p. 332). Sicuteri (1998, p. 61) assinala que “quando as bruxas, às centenas de milhares, iam para a morte em fogueiras acesas pela religião, sustentada e imposta pelos machos, operava ainda a mesma ânsia, o mesmo impulso vital para libertar-se da mesma sujeição ao homem”, a mesma sujeição que foi imposta à Lilith – a primeira mulher da humanidade.

Diante da morte de tantas mulheres, chegamos à conclusão de que o que houve foi um verdadeiro feminicídio, com a finalidade de manter o poderio masculino e calar a voz das mulheres que ousavam se fazer presentes nas diversas esferas da sociedade, ocupadas exclusivamente por homens. “Nunca, como nesta época, a mulher teve que pagar um preço tão trágico pelo ódio masculino à força instintiva” (SICUTERI, 1998, p. 62). Não é por acaso que esse período é chamado de “Idade das Trevas”.

### **1.6.1. JOANA D’ARC**

Uma das figuras icônicas desse período, que recebeu o título de “bruxa” e foi morta por conta disso, foi Joana d’Arc. Ela era uma camponesa francesa que liderou o exército francês na Guerra dos Cem anos (1337-1422). Joana alega que, aos 13 anos de idade, teve uma visão, onde ela recebe do Arcanjo Miguel [conhecido como um anjo guerreiro] o chamado divino para se juntar ao exército francês.

A Guerra dos Cem Anos foi um conflito entre França e Inglaterra, em que esta invadiu o território francês a fim de disputar o trono, já que o rei Carlos IV morreu em 1328 sem deixar herdeiros do sexo masculino. Carlos deixou apenas uma filha, mas a sucessão feminina não era permitida. O parente do sexo masculino mais próximo era o seu sobrinho Eduardo III, porém este não era nativo, mas inglês, o que desagradou sobremaneira a nobreza francesa. Sendo assim, quem assume o trono é um primo por parte de pai de Carlos, o Conde Filipe de Valois, fazendo com que Eduardo contestasse tal decisão, porém sem sucesso. Por isso, e por outras divergências com Eduardo, o novo rei empossado resolve apelar para a luta armada.

Além disso, a Inglaterra queria aproveitar tal crise política para controlar o comércio de Flandres, que era uma região próspera economicamente e estava diretamente relacionada ao comércio de lã inglês. Inicialmente, a Inglaterra teve êxito contra o exército francês, mas com a chegada de Joana d’Arc, a França começou a inverter a situação a seu favor. Tanto que para os ingleses, a reviravolta da França por intermédio da liderança da jovem francesa era, na verdade, um indício de que ela era uma “bruxa” e que estava se utilizando de poderes ocultos para vencer as batalhas.

Em 1430, Joana d’Arc foi presa e entregue para os ingleses. Em 1431, ela foi julgada pelo Tribunal da Santa Inquisição e condenada à morte, sendo queimada em praça pública sob a acusação de praticar feitiçaria e disseminar heresias. Na época, ela era uma jovem de apenas 19 anos. Séculos depois, Joana d’Arc foi canonizada pela igreja católica e recebeu o título de Santa Padroeira da França. Sendo assim, Joana d’Arc é a nossa eleita para representar Lilith na Idade Média.

## **1.7. LILITH NA MODERNIDADE**

### **1.7.1. ANA BOLENA**

Para a Idade Moderna, escolhemos a figura de Ana Bolena como uma das representações de Lilith. Ana Bolena foi a segunda esposa do rei da Inglaterra Henrique VIII. Antes dela, Henrique VIII fora casado com Catarina de Aragão. Como esta não conseguia lhe dar um filho do sexo masculino para ser seu sucessor, o rei resolve se divorciar de Catarina. Como para a Igreja Católica Apostólica Romana, o casamento é considerado um sacramento e, por conta disso, indissolúvel, a fim de conseguir a anulação do seu casamento, o rei alegou que, por ser Catarina viúva do seu irmão, seu casamento com ela não poderia ser válido. Porém o Papa Clemente VII não concedeu o divórcio a Henrique VIII. Tal episódio gerou uma crise política entre Roma e Inglaterra, o que deu origem à Igreja Anglicana, que recebeu influência da Reforma Protestante iniciada por Martin Lutero.

Foi quando em 1531, por meio de um tribunal eclesiástico, Henrique VIII foi nomeado chefe supremo da Igreja na Inglaterra, indo de encontro à autoridade papal. Com isso, Henrique VIII consegue dissolver seu casamento com Catarina e em 25 de janeiro de 1533, se casa secretamente com Ana Bolena. Em 1 de junho do mesmo ano, Ana é coroada rainha da

Inglaterra. Três anos se passaram e nada de Ana engravidar. Quando ela não tinha abortos espontâneos e o bebê conseguia vir ao mundo, o mesmo não vingava.

Porém, em 7 de setembro de 1533, Ana dá luz a uma menina, que viria a se tornar a futura rainha da Inglaterra, mais conhecida como Elizabeth I, cujo reinado durou 44 anos. Frustrado por não ter conseguido o filho varão tão almejado, o rei resolve se consolar nos braços de Joana Seymour com quem começou a ter um caso extraconjugal. Na Idade Moderna, nem mesmo as mulheres da realeza tinham autonomia sobre suas vidas. Geralmente era o pai, ou na falta deste, o responsável legal que negociava os contratos de casamento, muita das vezes com o objetivo de estabelecer alianças com outras nações, a fim de perpetuar suas dinastias.

Era muito comum também, as mulheres serem responsabilizadas pela infertilidade do casal, quando este não podia ter filhos ou pelo sexo da criança, quando a mesma era uma menina. As mulheres que não conseguiam dar um herdeiro varão ao marido, mesmo aquelas que pertenciam à nobreza ou à realeza, eram consideradas bruxas e não foram poucas as que foram condenadas à fogueira por conta disso. Ana Bolena só não foi condenada à fogueira pois a mesma apelou para a misericórdia do rei e argumentou que ela como rainha não merecia uma morte tão cruel. Hoje, com o avanço da ciência, sabemos que em muitos casos, é o homem que é infértil e que é ele quem determina o sexo da criança e não a mulher.

Vislumbrando um novo matrimônio, Henrique VIII acusa Ana de alta traição, adultério e de ter cometido incesto com o seu próprio irmão Jorge Bolena. Apesar de não terem provas concretas para tais acusações, Ana foi presa na Torre de Londres e condenada à morte. Contudo, Ana fez uma exigência: que não fosse morta pelas mãos de um carrasco inglês, que geralmente usava um machado para executar os condenados, mas que fosse morta pelas mãos de um francês, que geralmente fazia uso da espada para tal tarefa, tornando a morte mais rápida e menos dolorosa. Além disso, sendo morta à espada, a mesma não precisaria se curvar, mantendo, assim, a cabeça erguida - uma morte digna de uma rainha. Para Ana Bolena, uma rainha não devia se curvar diante de ninguém e de nenhuma circunstância adversa. Mesmo no momento de sua morte, Ana não perdeu a sua majestade e dignidade. Embora tenha sido condenada à morte, ela pôde escolher a forma como iria morrer, o que nos leva a considerá-la uma representante de Lilith na modernidade.

## 1.8. LILITH NA CONTEMPORANEIDADE

### 1.8.1. FRIDA KAHLO

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, mais conhecida pelo pseudônimo de Frida Kahlo, foi uma das mulheres mais influentes e polêmicas de sua geração e uma das que mais se destacaram na contemporaneidade. Filha de pai judeu alemão e mãe espanhola católica, Frida nasceu no dia 06 de julho de 1907 na vila de Coyacán no México. Como pintora, suas obras de arte foram inspiradas em sua própria vida, tanto os bons como os maus momentos serviram de matéria prima para a sua arte. Embora seu ano de nascimento tenha sido 1907, ela alterou para 1910, pois nesse ano teve início a revolução mexicana que se estendeu até 1920. Não é por acaso que Frida se auto denominava “filha da revolução”. Tal revolução afetou de forma significativa o governo e a cultura do país e trouxe importantes reformas.

Quando criança, sua saúde era muito debilitada. Com 6 anos de idade, foi diagnosticada com Poliomielite e, por conta dessa doença infecciosa, andou mancando durante toda sua vida e suas pernas eram desproporcionais: a perna direita era um pouco mais fina que a esquerda. Com vergonha das pernas, a fim de escondê-las, Frida passou a usar saias longas e coloridas, mas ainda assim, isso não a poupou das zombarias de seus colegas da escola que a chamavam de “Frida da perna de pau”. Apesar disso, Frida conseguiu ter um ótimo desempenho escolar. Para superar a limitação da poliomielite, Frida praticava esportes até então considerados masculinos, como futebol, lutas e natação.

Frida tinha o sonho de se tornar médica, o que pode ter sido impulsionado por seus problemas de saúde. Frida ingressou na melhor escola do país, a Escola Nacional Preparatória de San Ildefonso, na Cidade do México. Havia apenas 35 estudantes do sexo feminino para 1965 estudantes do sexo masculino. Lá, ela fez alguns amigos e juntamente com eles formou um grupo que se autointitulavam os *cachuchas* por conta dos bonés que os integrantes do grupo usavam. Eles costumavam organizar eventos e debates políticos entre eles. Famosa por sua personalidade forte, Frida acabou se tornando uma das líderes do grupo.

Aos 18 anos, Frida sofreu um terrível acidente, em que o ônibus que ela estava se chocou com um bonde, o que ocasionou diversas fraturas, sendo uma na clavícula, duas costelas e uma perna quebradas, o pé foi esmagado e o ombro deslocado. Além disso, ela teve fraturas na espinha, abdômen e na pélvis, o que a impediu de ser mãe. A fim de amenizar as consequências do acidente, Frida foi submetida a mais de 30 cirurgias. A situação dela era tão grave, que os

médicos acharam que ela não sobreviveria. Mas como uma verdadeira “filha de Lilith”, apesar de ter seu corpo dilacerado, seu espírito era indestrutível. Ela ficou inconsciente por várias semanas, mas logo que acordou, pediu a seu pai que comprasse materiais de arte para que ela pudesse pintar. Ele projetou uma posição especial e adaptou um cavalete a sua cama e um espelho no teto para que ela pudesse desenhar deitada. Foi aí que ela deu início a sua carreira como artista.

O seu primeiro desenho depois do acidente foi *The Bus*, obra essa que retratou o acidente que ela sofreu. A própria Frida declarou algumas vezes que a arte a ajudou na sua recuperação e lhe deu forças para continuar a viver. Ela dizia: “Eu não estou doente, eu estou despedaçada, mas me sinto feliz por estar viva enquanto eu puder pintar”. Ela também precisou usar um colete ortopédico durante três meses, momento esse que ela retratou em sua obra *A Coluna Partida*. Esse episódio, apesar de ter mudado a sua vida completamente de forma irreversível, não foi o pior desastre da sua vida. Uma vez Frida fez a seguinte declaração: “Houve dois grandes acidentes na minha vida: o bonde e você. Você sem dúvida foi o pior deles”. Essa declaração diz respeito a Diego Rivera, muralista mexicano, que veio a ser marido de Frida.

Frida conheceu Diego 3 anos após o acidente, em 1928, quando aderiu ao Partido Comunista Mexicano do qual ele também era integrante. Ela estava ainda no início de sua carreira como pintora e decidiu mostrar seu trabalho para o companheiro de partido e de arte, já que na época ele já era um pintor famoso. Diego gostou muito do trabalho de Frida, mas seu interesse foi para além de suas obras. Os dois acabaram se apaixonando e decidiram se casar em 1929 e foram morar na “Casa Azul” onde Frida nasceu. Na época, ela tinha 22 anos e ele 43. Contudo, Diego nunca foi um bom marido. Ele já havia tido dois relacionamentos anteriores que haviam terminado por conta de adultério e com Frida não foi diferente. Frida sabia dos casos extraconjugais do marido, mas preferia fazer vista grossa. Porém, a gota d’água foi quando Diego se envolveu com sua irmã mais nova Cristina Kahlo.

Cansada das inúmeras traições do marido, Frida resolve também ter relações fora do casamento. Frida era bissexual, algo que era considerado transgressor para a época, e acabou se relacionando tanto com homens quanto com mulheres. Um dos seus casos amorosos foi com o revolucionário Leon Trotsky, que foi obrigado a fugir da União Soviética por conta de perseguição política, a quem abrigou em sua casa juntamente com sua esposa. A pintora também se relacionou com o poeta Vladimir Maiakovski e há boatos que sugerem que Frida tinha com a cantora mexicana Chavela Vargas, algo mais do que uma simples amizade, embora não há evidências concretas que confirme tal fato. Diego não se importava que Frida se

relacionasse com outras mulheres, mesmo que estas fossem casadas, mas não aceitava que ela tivesse envolvimento com outros homens.

Frida chegou a engravidar várias vezes, mas todas terminaram com abortos devido às sequelas do seu acidente. Por conta disso, Frida entrou em depressão, mas por meio da arte, ela pôde extravasar todas as suas emoções. Uma de suas obras que retrata um dos momentos mais dolorosos de sua vida foi o quadro *Hospital Henry Ford* que ela pintou depois do seu aborto espontâneo na cidade de Detroit em 1932. Por conta da influência da medicina, Frida costumava pintar em suas obras a anatomia feminina, representando de forma muito realista cenas de partos e de abortos espontâneos como os que ela sofreu durante sua vida.

Em 1937, a artista foi mais longe e fez uma crítica explícita e severa ao machismo extremo presente na sociedade patriarcal mexicana. Em uma de suas obras, Frida ilustrou um caso de feminicídio que tomou ciência, a respeito de um marido que assassinou a esposa de forma brutal por conta de ciúmes. Na tentativa de ser absolvido, o homem disse ao juiz que foram “apenas uns cortes pequenos”, declaração essa que acabou dando nome à obra: *Unos Cuantos Piquetitos*.

Em 1939, após um doloroso divórcio, Frida Kahlo criou seu icônico autorretrato intitulado *As duas Fridas*, uma representava a sua origem branca europeia e a outra a sua raiz espanhola indígena. A artista pintou um total de 143 quadros, sendo 55 autorretratos. Frida valorizava muito suas obras, pois elas eram a expressão da vida dura e sofrida que ela levou. Neste mesmo ano, Frida fez sua primeira exposição em Nova York e a partir daí ganhou fama internacional, tendo suas obras expostas até mesmo em Paris. Frida foi a primeira artista mexicana a ter suas obras exibidas no Museu do Louvre. Apesar de Frida ser categorizada pelos críticos como surrealista, Frida não concordava com tal pensamento, já que ela afirmava que não pintava sonhos, mas sim sua própria realidade.

Em 1940, Frida teve sérios problemas de saúde e foi internada em um hospital. Diego correu imediatamente para lá e pediu para que eles reatassem e Frida aceitou prontamente. Porém, desta vez, ambos passaram a viver em casas separadas. A casa de Frida era azul e a de Diego vermelha. As casas ficavam uma do lado da outra e eram interligadas por uma ponte. A cada ano que passava, a condição de Frida só piorava. Em 1953 teve que amputar uma perna por causa de gangrena. Mas nem mesmo isso abalou suas estruturas. A sua fragilidade física era inversamente proporcional a sua força interior. Ela dizia: “Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?”.

No mesmo ano teve uma exposição no México, a qual ela compareceu em sua cama. Frida também sofria com dores intensas por todo o corpo, o que a fez ficar dependente de remédios. Ela sentia que ia morrer em breve, então, escreveu em seu diário: “Espero que a partida seja alegre e espero nunca mais voltar”. Alguns estudiosos sugerem que Frida possa ter se suicidado para se livrar tanto da dor física quanto emocional que a acompanhou durante toda a sua vida.

Frida Kahlo terminou seu último trabalho oito dias antes de morrer, originalmente chamado de *Melancias*, mas tornou-se conhecido pela citação esculpida em uma das melancias: “Viva la vida”. Em 13 de julho de 1954, a artista morreu de embolia pulmonar aos 47 anos, na mesma casa em que nasceu. Em 1958, o local em que Frida viveu foi transformado em museu, onde fãs de todo mundo ainda o visitam.

Com o crescimento do movimento feminista na década de 70, Frida Kahlo foi redescoberta. Exposições, peças de teatro e filmes foram feitos em sua homenagem. Ainda hoje, Frida Kahlo é mundialmente reconhecida pela sua arte e por ter sido uma mulher irreverente em uma época em que as mulheres não tinham voz e representatividade. Frida, como uma legítima representante de Lilith, deixou um legado que inspirou e inspira até hoje inúmeras mulheres em diversas partes do mundo – *As Filhas de Lilith*.



## **2. ASPECTOS DE PERMANÊNCIA ENTRE MADAMME BOVARY E OS ARQUÉTIPOS DE LILITH, EVA E MARIA.**

### **2.1. APRESENTAÇÃO DO ROMANCE**

Madame Bovary é um clássico realista escrito por Gustave Flaubert. O autor levou cinco anos para escrever o romance que foi publicado somente em 1857. A publicação do livro causou grande polêmica e Flaubert chegou a ser levado a julgamento sob a acusação de ofender à religião, à moral e os bons costumes. O livro foi considerado um escândalo para a sua época, o que acabou despertando ainda mais o interesse do público. Este foi baseado em fatos reais, mais especificamente num caso de suicídio da mulher de um oficial que cometera adultério na Normandia, França. A obra também faz severas críticas à burguesia e a Igreja Católica, o que desagradou sobremaneira os puritanos da época.

O romance conta a história de uma camponesa, Emma, que apesar de ter uma vida simples e ter sido educada em um convento, tinha anseios de um dia sair do campo e ter uma vida luxuosa como a das mulheres que frequentavam a corte. Além disso, sonhava com uma paixão arrebatadora como aquelas que encontrava nos romances. Emma acaba se casando com um médico viúvo e vê no casamento a oportunidade de finalmente viver a vida que tanto sonhara.

Porém Charles Bovary, seu marido, não era muito ambicioso e também não se parecia em nada com os galãs dos romances. Não demorou muito para que Emma percebesse que a vida de casada não era o “mar de rosas” que ela imaginara. Nem mesmo o nascimento da filha Berth, fez com que sua vida tivesse um sentido. Percebendo que a mulher estava ficando cada vez mais entediada, Charles resolve se mudar a fim de satisfazer a esposa.

No início, os novos ares fizeram com que Emma retomasse novamente a esperança de que talvez, agora, ela fosse viver a vida tão sonhada dos romances, mas não demorou muito tempo para que voltasse à rotina e novamente se sentisse frustrada. Foi aí que Emma encontrou no adultério uma forma de alcançar o amor que tanto almejava. Em um primeiro momento, Emma se sente atraída por Léon, um escriturário que conheceu na casa de um farmacêutico, amigo da família. O rapaz também se sente atraído pela senhora, mas sentindo que seu amor não era correspondido, resolve ir para França para concluir seus estudos em Direito.

Com o tempo, Emma acaba se esquecendo de Léon e logo em seguida, ela conhece Rodolphe, que era conhecido por sua fama de *bon vivant*. O Jovem rapaz, devido a sua experiência com as mulheres, reconhece em Emma um alvo fácil e acaba por seduzi-la e tem com ela um ardente caso amoroso por dois anos. Os amantes chegaram até mesmo a planejar fugirem juntos, mas na última hora, Rodolphe desiste e foge para outra cidade sozinho, o que deixou Emma desolada, chegando até mesmo a ficar doente, tamanha era a tristeza. A fim de preencher o vazio dentro de si, Emma começa a comprar compulsivamente. Comprava tecido para fazer vestidos novos, de tempos em tempos trocava a mobília da casa e, assim, cada vez mais ia se afundando em dívidas, mas nada parecia lhe satisfazer.

Tempos mais tarde, recuperada de sua decepção com Rodolphe, Charles resolve levar Emma a uma apresentação musical em Ruão e lá ela reencontra Léon, que havia retornado recentemente da França, e volta a sentir novamente aquele frio na barriga que sentira outrora com o primeiro amante. Parecia que agora ela iria conseguir viver finalmente o seu “conto de fadas”, o seu “felizes para sempre”, mas com o tempo, o ardor da paixão foi se esfriando. Léon também já não estava tão interessado como no início, parecia que o encanto havia acabado. Para piorar, ele recebe uma carta de sua mãe advertindo-o que tal relacionamento poderia prejudicar a sua vida profissional futuramente. Com isso, Léon resolve romper com Emma definitivamente.

A partir deste momento, Emma passa a se afundar cada vez mais em dívidas a ponto de perder o controle. A fim de esconder o fato do esposo, ela começa a pedir dinheiro emprestado para várias pessoas, inclusive para os seus ex-amantes, porém sem sucesso. Ao se ver encurralada pelas circunstâncias e sem ver uma solução para os seus problemas, Emma resolve se auto envenenar e morre para desespero de Charles. Depois da morte de Emma, Charles, sem querer, encontra as antigas cartas dos amantes e descobre o adultério da esposa. Abalado com a descoberta, Charles fica doente e morre de desgosto. Com isso, a filha do casal vai morar com a tia e passa a trabalhar para se sustentar.

Neste capítulo, temos como objetivo estabelecer uma relação entre o romance Madame Bovary e as figuras imagéticas de Lilith, Eva e Maria. Para cada um desses arquétipos, selecionamos passagens que descrevem e representam características desses arquétipos.

## 2.2. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE LILITH

Emma acreditava que ao se casar, viveria finalmente o amor que ela lia nos livros de romance. Mas ao se deparar com a realidade, Emma se frustra.

Antes de casar, Emma julgara sentir amor; mas a felicidade que deveria resultar desse amor não aparecera, pelo que se deveria ter enganado, pensava ela. Procurava agora saber o que se entendia, ao certo, nesta vida, pelas palavras felicidade, paixão e êxtase, que, nos livros, lhe haviam parecido tão belas. (FLAUBERT, 2000, p. 33).<sup>3</sup>

Como Lilith, Emma não queria se submeter à sociedade androcêntrica e patriarcal do seu tempo, relegando sua vida aos afazeres domésticos e aos cuidados com os filhos. Emma queria mais para sua vida. Nem mesmo o fato de ter sido educada em um convento fez com que a chama que ardia dentro dela se apagasse. Segundo Pires (2008, p. 127-8), “a vida tornou-se tão mecânica e estéril que gerou, nas mulheres, uma rebeldia contra as restrições e exigências que lhe eram impostas. Assim, deixaram o instinto emergir novamente, ameaçando todos os valores convencionais que controlavam sua vida”. Constantemente lhe vinham à mente pensamentos como este:

“Oh, meu Deus! Mas porque me casei eu?” E perguntava a si própria se não poderia ter havido meio de, por outras combinações do acaso, encontrar outro homem; procurava imaginar como teriam sido esses acontecimentos não sobrevivendo, essa vida diferente, esse marido que não conhecia. Nem todos, com efeito, se pareciam com aquele. Poderia ter sido belo, espiritual, distinto, atraente, como seriam, sem dúvida, os que casaram com as suas antigas colegas do convento. Que estariam elas fazendo agora? (FLAUBERT, 2000, p. 42).

A partir deste momento, toda a candura de Emma se desfez diante de Charles. Ela apresentava agora um comportamento arreado e rebelde. “[...] ela já não escondia o seu desprezo por tudo e por todos; e punha-se muitas vezes a exprimir opiniões extravagantes, condenando o que os outros aprovavam e aprovando coisas perversas ou imorais, o que fazia o marido arregalar muito os olhos” (FLAUBERT, 1857, p. 63). Da mesma forma que Adão sente repulsa ao ver Lilith coberta de sangue e saliva, Charles repudia o comportamento subversivo de Emma que outrora era tão irrepreensível e agora se assemelhava mais aos das prostitutas. Os pensamentos a atormentavam:

Seria que aquela miséria duraria para sempre? Não haveria maneira de lhe fugir? Contudo, ela achava que valia tanto como todas as outras que viviam felizes! Vira em Vaubyessard duquesas com a cintura mais grossa e os modos mais vulgares e vociferava contra a justiça de Deus; encostava a cabeça às paredes para chorar; invejava as existências tumultuosas, as noites de máscaras, os prazeres insolentes com

---

<sup>3</sup> A edição consultada de Madame Bovary para o presente trabalho é uma versão portuguesa. Por conta disso, optou-se por fazer uma adaptação para o português brasileiro para uma melhor compreensão por parte do leitor.

todos os delírios que deviam provocar o que ela não conhecia. (FLAUBERT, 2000, p. 63).

Neste trecho, Emma questiona a sua condição de submissão e se rebela contra o próprio D'us, colocando em dúvida até mesmo a justiça divina. Emma se compara às mulheres da nobreza e se sente preterida e procura um meio de fugir. Mas ao contrário de Lilith, que blasfema contra o nome de D'us e foge para o mar vermelho para finalmente ter sua independência, Emma de alguma forma ainda estava presa às convenções e não consegue se libertar das amarras que a prendem.

Eis a figura mítica de Lilith presidindo esse processo, como sombra da cultura internalizada, pois essa personagem representa a rebelião contra a repressão do prazer, a resistência à proibição da escuta dos próprios desejos. Mas escolher um padrão “diferente” significa personificar aspectos considerados sombrios na ordem social reconhecida. Portanto, impor-se e adaptar-se à sociedade de maneira alternativa ao tradicional gera problemas. (PIRES, 2008, p. 84).

Logo que Charles e Emma chegaram na cidade de Yonville, o casal foi convidado para jantar na casa de Homais, o farmacêutico. Lá, ela conhece Léon, escriturário do Tabelião da cidade e hóspede do senhor Homais. O jovem rapaz era de boa aparência, tímido e muito cordial. Seus modos se destacavam dos outros homens. Era um homem sensível e dado às letras. Emma e Léon se identificaram logo de cara. Descobriram ter várias afinidades em comum como o amor pela leitura e pela música.

Não muito tempo depois, Emma dá luz a sua filha, a qual deu o nome de Berth. Porém, nem mesmo o nascimento da filha, evento esse que geralmente costuma ser um divisor de águas na vida das mulheres, preencheu o vazio que ela carregava dentro de si. Certa feita, quando Emma ia visitar a menina na casa da ama, ela se encontra por acaso com o jovem Léon e este se oferece para acompanhá-la.

Pela primeira vez, os dois se encontravam sozinhos, sem os olhares julgadores de terceiros. Pela primeira vez, também, puderam se tocar, pois, por todo o caminho, Emma se apoiara nele, já que ainda não estava completamente restabelecida do parto. Na volta, depois de ver a filha, os dois vieram conversando. A essa altura já não se consideravam mais dois estranhos, pelo contrário, pareciam até velhos conhecidos. Em um determinado momento, os dois pararam de frente um para o outro sem conseguir dizer uma só palavra, porém seus olhos diziam o que a boca calava:

Não teriam nada mais a dizer um ao outro? Os seus olhos, contudo, transbordavam de uma conversação mais séria, e, enquanto se esforçavam por encontrar frases banais, ambos se sentiam invadidos pela mesma languidez, era uma espécie de murmúrio da alma, profundo, contínuo, que se sobrepunha ao da voz. Tomados pela surpresa desta nova suavidade, não pensaram em falar um ao outro da sensação que lhes causava, nem em descobrir-lhe a causa. As felicidades futuras, como as praias tropicais, projetam na imensidade que as precede os seus langores natais, uma brisa perfumada, entorpecendo-nos numa embriaguez que não nos deixa inquietar com o horizonte que não se vê. (FLAUBERT, 2000, p. 89).

Quanto mais o tempo passava, mais Emma se sentia atraída por Léon e consequentemente menos interessada por Charles. Tudo nele a irritava: Seu semblante apático, sua voz, seus gestos, tudo! Charles era um homem meigo e dócil, porém, um tanto subserviente para os padrões da época. Parecia que nada o tirava do sério, sempre muito compreensivo, sem grandes ambições, completamente diferente de Léon que era um homem ilustrado e refinado. Não foram poucas as vezes que Emma se pegou olhando para o marido com olhar de desprezo como podemos constatar na seguinte passagem:

[...] ali estava Charles. Tinha o boné enterrado até às sobrancelhas e os seus dois grossos lábios trêmulos acrescentavam-lhe ao rosto um ar de estupidez, até as costas, aquelas costas tranquilas, eram irritantes de ver, patente naquela sobrecasaca, via Emma toda a vulgaridade da personagem. (FLAUBERT, 2000, p. 96).

Emma e Léon estavam cada vez mais próximos. Ambos percebiam que o sentimento era recíproco, mas nenhum dos dois tinham coragem de se declarar. Léon chegou a esboçar várias cartas que rasgava logo em seguida. Emma, por outro lado, não queria parecer vulgar nem oferecida. Mas era cada vez mais difícil disfarçar o que sentiam, a ponto de algumas pessoas ao redor deles começarem a perceber, menos o marido é claro, que venerava a esposa como a uma santa.

Aquele vestido de pregas escondia um coração revoltado e aqueles lábios tão púdicos não confessavam o seu tormento. Ela estava apaixonada por Léon e procurava a solidão para poder mais à vontade deleitar-se com a sua imagem. A visão da sua pessoa perturbava a volúpia daquela meditação. Emma palpitava ao ruído dos seus passos, depois, em presença dele, desfazia-se-lhe a emoção e, a seguir, só lhe ficava um imenso espanto, que terminava em tristeza. (FLAUBERT, 2000, p. 102).

Aos olhos da sociedade, Emma tinha de ser a mulher virtuosa, recatada e modesta, comportamento esse mais ligado ao arquétipo de Eva que veremos mais adiante. Mas por dentro, era a Lilith que gritava, implorando por liberdade. Neste momento, Emma passa por um conflito interno em que a Eva e a Lilith que existem em seu interior, lutam constantemente para assumirem o controle da sua mente e coração. Sua razão dizia que ela precisava ser Eva, mas seu coração queria seguir os passos de Lilith. Isso fazia com que Emma tivesse constantes alterações de humor e ela acabava descontando sua ira em seu marido Charles.

Então voltou contra ele todo o ódio acumulado pelos seus aborrecimentos e cada esforço que fazia para o reduzir servia apenas para o aumentar, pois esse esforço inútil ia acrescentar-se aos outros motivos de desespero e contribuía ainda para maior afastamento. A sua própria docilidade lhe causava revolta. A mediocridade doméstica incitava-a a fantasias luxuosas; a ternura matrimonial, a desejos adúlteros. Preferiria que Charles lhe batesse, para poder com mais justiça detestá-lo, vingar-se dele. Por vezes assustava-se com as atrozes conjecturas que lhe vinham à ideia; e era necessário continuar a sorrir, escutar as suas próprias repetições de que ele era feliz, fazer de conta que o era, dar a entender isso aos outros! Enojava-se, entretanto, daquela hipocrisia. Tinha tentações de fugir com Léon para qualquer parte, muito longe, tentar um destino novo; mas logo se lhe abria na alma um abismo de confusão, cheio de negrume. (FLAUBERT, 2000, p. 103-104).

Além disso, diferentemente da grande maioria das mulheres de sua época, Emma, embora fosse mãe, não tinha o instinto materno muito a florado. A amamentação sempre foi um símbolo muito forte relacionado à maternidade, porém, no final do século XIX, que é o período em que se passa a trama, era uma prática comum das mulheres mais abastadas cederem seus filhos às amas de leite para dar-lhes de mamar, especialmente por questões estéticas. Algumas mulheres tinham medo que depois da amamentação seus seios ficassem caídos e com Emma não foi diferente.

Emma, também, não dispensava muito tempo e atenção à criança, estando sempre muito ocupada em seus afazeres. Em muitos momentos, Emma chegava até mesmo a ser rude com a filha. Talvez, tal comportamento se devesse ao fato de que Emma, na verdade, sempre quisera ter um filho varão, pois, segundo ela, um homem é livre para fazer o que bem quiser, sem dar satisfações a ninguém.

[...] entre a janela e a mesinha de trabalho, lá estava a pequenina Berthe, cambaleando sobre as botinhas de malha, a procurar aproximar-se da mãe para se lhe agarrar às pontas das fitas do avental. - Deixa-me! - disse esta, afastando-a com a mão. A pequerrucha logo voltou a aproximar-se ainda mais, encostando-se-lhe aos joelhos; e, apoiando neles os bracinhos, erguia para ela os seus grandes olhos azuis, enquanto um fio de saliva pura lhe escorria do lábio sobre a seda do avental. - Deixa-me! - repetiu a mãe toda irritada. A expressão que fez assustou a criança, que se pôs a chorar. - Já te disse que me deixes! - repetiu, repelindo-a com o cotovelo. Berthe foi cair ao pé da cômoda, contra a patera de cobre; fez um golpe na cara, donde saía sangue. A senhora Bovary precipitou-se para a levantar, rebentou o cordão da campainha, gritou com toda a força pela criada e começava já a vociferar quando apareceu Charles. Era a hora do jantar e acabava de chegar a [sic] casa. (FLAUBERT, 2000, p. 110).

Como percebera que seu amor pela senhora Bovary era impossível, tais como os amores platônicos dos romances, e a monotonia da cidade de Yonville já lhe era quase insuportável, Léon resolveu então ir para Paris terminar os estudos em Direito. Com a sua partida, Emma ficara desolada. Sua saúde também começou a ficar comprometida. Léon era uma das poucas coisas que a fazia se sentir viva. Ela se martirizava por não ter se declarado, de não ter fugido

com ele. Se tivesse tido coragem, talvez sua vida teria sido muito diferente do que é agora. Mas seu lado Eva falara mais alto desta vez. Lembrava-se dos momentos que passaram juntos:

Que boas horas de sol ali tinham passado! Que tardes belas, sós, à sombra, no fundo do jardim! Ele lia em voz alta, de cabeça descoberta, sentado num banco rústico feito de troncos secos; a brisa fresca da pradaria fazia tremer as páginas do livro e as campainhas do caramanchão... Mas ai!, fora-se embora o único encanto da sua vida, a única esperança possível de felicidade! Porque não se apoderara ela daquela ventura quando estava ao seu alcance! Porque não o retivera com as duas mãos, com os dois joelhos, quando lhe quisera fugir? E Emma amaldiçoava-se por não ter amado Léon; tinha sede dos seus lábios. Sentiu vontade de correr para o pé dele, lançar-se-lhe nos braços e dizer-lhe: “Aqui me tens, sou tua!” (FLAUBERT, 2000, p. 119).

De mulher recatada e do lar, Emma voltou a ter novamente os seus rompantes e variações de humor. Às vezes, parecia que Emma tinha dupla personalidade: ora, era meiga e discreta, em outros momentos, parecia um vulcão em erupção. Determinados comportamentos de Emma, deixavam Charles estarecido:

Tinha acessos, durante os quais era facilmente levada a fazer extravagâncias. Um dia apostou com o marido que seria capaz de beber metade de um grande copo de aguardente e, como Charles cometeu o disparate de a desafiar a fazê-lo, engoliu a aguardente até à última gota. (FLAUBERT, 2000, p. 121).

Passaram-se os meses, e junto com eles, ia-se embora, pouco a pouco, o seu amor por Léon, como uma brasa que se apaga na ausência de lenha. Os dias de Emma voltaram a ser monótonos e sem cor. Quando já tinha perdido as esperanças de viver um verdadeiro amor, eis que surge para reacender a chama que outrora havia se apagado, Rodolphe. Emma conheceu-o quando o mesmo apareceu em sua casa, juntamente com um camponês, à procura de Charles para que ele avaliasse o camponês que sentia o corpo inteiro formigar. Ao ver Emma, Rodolphe ficou encantado e logo arrumou um pretexto para voltar à casa do médico para rever aquela mulher que agora tirava o seu sono. Como o *bon vivant* que era, Rodolphe estava decidido a conquistá-la.

Passados alguns dias, houve um comício em Yonville e a cidade estaria em peso no evento. Rodolphe presumiu que era provável que o médico fosse acompanhado de sua esposa e concluiu que seria o momento propício para revê-la. Como todos estariam atentos ao discurso do prefeito, ele teria a oportunidade de se aproximar mais de Emma e conhecê-la melhor. Rodolphe a encontra no meio da multidão juntamente com o senhor Lheurex, o vendedor de artigos de luxo, que estava sempre a lhe importunar. Rodolphe, tentando encontrar uma maneira de se livrar dele e não conseguindo, se despede do homem e arrasta a senhora Bovary consigo.

No caminho, os dois começam a flertar de forma discreta como num jogo de sedução. Ao chegarem ao local onde se daria o comício, Rodolphe a levou ao primeiro andar da câmara e entrou na sala de sessões que estava vazia. Ali eles teriam uma visão privilegiada do evento e teriam um pouco mais de privacidade. Sentaram-se um ao lado do outro, o que permitiu que se olhassem com um pouco mais de atenção e pudessem sentir o perfume que exalava dos seus poros. Tal momento trouxe a Emma lembranças que a transportaram a um tempo em que ela era feliz, como se vê a seguir:

Mantinha-se de braços cruzados sobre os joelhos e, erguendo o rosto para Emma, olhava-a de perto, fixamente. Ela distinguia-lhe nos olhos pequenos raios dourados em torno das pupilas negras e sentia até o perfume da pomada que lhe fazia brilhar a cabeleira. Então apoderou-se dela uma espécie de languidez, lembrou-se do Visconde, com quem valsara em Vaubyessard e cuja barba exalava, como aqueles cabelos, o mesmo perfume de baunilha e limão, e, maquinalmente, semicerrou as pálpebras para melhor o aspirar. Mas, com o gesto que fez ao endireitar-se na cadeira, avistou ao longe, mesmo no horizonte, a velha diligência Andorinha, que descia vagarosamente a encosta de Leux, arrastando atrás de si uma comprida nuvem de pó. Naquele veículo amarelo voltara Léon, tantas vezes, para ela; e por aquela mesma estrada tinha ele partido para sempre! Imaginou vê-lo à janela, na sua frente; depois tudo se confundiu, passaram nuvens; pareceu-lhe rodopiar ainda na valsa, à luz dos lustres, nos braços do Visconde, e que Léon não estava longe, que voltaria... e, contudo, continuava a sentir a cabeça de Rodolphe ali ao lado. A doçura desta sensação penetrava assim os desejos de outrora, que, como grãos de areia ao sopro do vento, lhe giravam em turbilhão no sutil arrebatamento do perfume que lhe invadia a alma. (FLAUBERT, 2000, p. 142).

Rodolphe começou a envolver Emma com sua conversa afável. Falavam sobre magnetismo, conexão de almas, destino... até que ele pega em sua mão. Emma não a retira como um sinal de reciprocidade. Ele suplica que ela permita-lhe admirá-la. “Rodolphe já não falava. Fitavam-se ambos. Um desejo supremo fazia-lhes estremecer os lábios secos; e, suavemente, sem esforço, entrelaçaram-se-lhes os dedos” (FLAUBERT, 2000, p. 145). Tendo acabado o comício, Rodolphe levou Emma até em casa.

Passaram-se seis semanas até que Rodolphe aparecesse novamente. Não foi por falta de vontade que ele não aparecera antes, mas ele queria testar Emma, pra saber se ela tinha mordido a isca. Ao vê-lo na sala de sua casa, depois de tanto tempo, Emma ficou pálida. Seu plano tinha funcionado. Como Emma estava sozinha em casa, Rodolphe aproveitou para dar o golpe fatal e finalmente confessa as suas reais intenções. No meio da conversa, chega Charles. Rodolphe disfarça e diz que Emma estava a lhe contar sobre sua saúde que estava por demais debilitada. Rodolphe, então, sugere que ela faça passeios a cavalo e se oferece para acompanhá-la. Em um primeiro momento, Emma se mostra resistente, mas Charles gosta da ideia e a convence de que será bom para sua saúde.



Charles comprou tudo o que era necessário para que sua esposa se tornasse uma verdadeira amazona e comunicou a Rodolphe que sua mulher estava à sua disposição e que ele poderia vir quando quisesse. No dia seguinte, lá estava Rodolphe com dois cavalos à porta dos Bovary. Seria uma ótima oportunidade para estreitar os laços com Emma e, agora, seria só uma questão de tempo para que ela se rendesse aos seus encantos.

Logo que sentiu chão de terra, o cavalo de Emma tomou o galope. Rodolphe galopava ao lado dela. De quando em quando trocavam uma palavra. Com o rosto um pouco inclinado, a mão levantada e o braço direito caído, Emma abandonava-se à cadência do movimento que a embalava sobre a sela. (FLAUBERT, 2000, p. 153).

Emma estava imponente sobre o cavalo, proporcionando-lhe um certo ar de altivez; o que tornava-lhe ainda mais atraente aos olhos de Rodolphe. Com os cabelos ao vento, pela primeira vez, Emma se sentia verdadeiramente livre. A cadência dos movimentos do seu ventre sobre o cavalo a excitavam. Neste contexto, o galopar do cavalo faz alusão ao próprio ato sexual. Tal fato nos remete à figura de Lilith, o súcubo que visita os sonhos dos homens à noite, e monta-nos como se fazem aos cavalos, mantendo relações com esses e sugando-lhes toda a energia vital.

Em um determinado momento, Rodolphe lhe enlaça pela cintura, Emma tentou se afastar, mas em vão. Ele implora para que fiquem mais um pouco e a leva mais adiante à beira de uma lagoa. Emma resiste, mas logo cede e encosta em seu ombro. A andorinha havia caído na arapuca. Estava consumado!

[...] Ela curvou para trás o alvo pescoço, que se dilatou com um suspiro; e, desfalecida, banhada em lágrimas, com um prolongado estremeamento e escondendo o rosto, entregou-se. Caíam as sombras do crepúsculo; o sol horizontal, passando entre os ramos, deslumbrava-lhe a vista. [...] O silêncio era completo; uma certa doçura parecia destacar-se das árvores; Emma ouvia o coração, cujo pulsar recomeçava, e sentia o sangue circular-lhe no corpo como uma torrente de leite. Ouviu então muito ao longe, para lá da mata, sobre as outras colinas, um grito vago e prolongado, uma voz que se arrastava e que ela escutava em silêncio, como uma melodia que se misturava com as últimas vibrações dos seus *nervos emocionados*. Rodolphe, de charuto entre os dentes, consertava, com o seu canivete, uma das rédeas, que rebentara. (FLAUBERT, 2000, p. 156-157, grifo nosso).

Aqui, nos chama a atenção a expressão “nervos emocionados” que nos remete ao ápice do prazer, ou seja, ao momento do orgasmo. Como de praxe, Rodolphe puxa um charuto, como nos filmes de Hollywood, em que depois do ato sexual, o homem sempre fuma um cigarro a fim de relaxar ou demonstrar que o sexo foi “bom”. O charuto e o canivete também são uma forte alusão ao falo, ou seja, ao órgão sexual masculino.

Chegando em casa, Emma ainda se sentia anestesiada por aquele momento mágico. Estava nos ares, mal conseguia dar ouvidos ao que Charles falava. Logo que se livrou do marido, subiu ao quarto e pôs-se diante do espelho a se admirar. Alguma coisa havia mudado dentro dela que claramente se refletia no seu exterior. Enfim ela começava a viver o seu conto de fadas. Só que, diferentemente de quando estava flertando com Léon, ela agora não sente nenhum tipo de culpa. Ela tinha se libertado das amarras que a prendiam.

Olhando, porém, para o espelho, admirou-se com o aspecto do rosto. Nunca se vira com os olhos tão grandes, tão negros nem tão profundos. Havia qualquer coisa de sutil espalhada na sua pessoa que a transfigurava. Repetia consigo mesma: “Tenho um amante! Um amante!”, deleitando-se nesta ideia como se fosse a da chegada de uma nova puberdade. Ia então possuir finalmente aquelas alegrias do amor, aquela febre de felicidade de que havia já desesperado. Entrava no que quer que fosse de maravilhoso, em que tudo seria paixão, êxtase, delírio; [...] Lembrou-se então das heroínas dos livros que lera, e toda aquela lírica legião de mulheres adúlteras começou a cantar-lhe na memória, com vozes de irmãs que a seduziam. Tornava-se ela mesma agora parte autêntica dessas imaginações e realizava o longo devaneio da sua juventude, enquadrando-se naquele tipo de mulher apaixonada que tanto invejara. Além disso, Emma sentia uma satisfação de vingança. Já sofrera bastante! Mas agora triunfava, e o amor, por tanto tempo reprimido, jorrava livremente em alegre efervescência. Saboreava-o sem remorsos, sem inquietude, sem desassossego. (FLAUBERT, 2000, p. 158).

Emma estava tão apaixonada que mal podia esperar para rever o seu amante. Mas, ao invés de esperar que ele viesse vê-la, ela mesmo decidiu ir ao seu encontro. Todas as manhãs, quando Charles saía para trabalhar, Emma saía para encontrá-lo em seu castelo. Além de se verem quase todas as manhãs, eles também passaram a se corresponder através de cartas. Porém, aquelas idas e vindas constantes da senhora Bovary a sua casa, estavam a lhe preocupar. Ele alegou que se alguém a visse, isso poderia comprometer a sua reputação.

Em uma das manhãs em que vinha da casa de Rodolphe, Emma se deparou com Binet que estava a caçar patos de forma ilegal. Binet pergunta o que ela fazia ali tão cedo e ela disse que vinha da casa da ama de Berth, porém já fazia 1 ano que a menina havia voltado para a casa dos pais. Emma pensava consigo mesma, se ele teria acreditado nas suas desculpas, o que a torturou durante todo o dia. Rodolphe ficou de arrumar um outro local para que eles pudessem se encontrar sem o risco de serem descobertos. Enquanto isso, três a quatro vezes na semana, eles se encontravam no fundo do jardim da casa dos Bovary. Quanto mais se envolvia com Rodolphe, mais os defeitos de Charles lhe saltavam aos olhos:

Aquela ternura, com efeito, aumentava de dia para dia, com a repulsa que sentia pelo marido. Quanto mais se entregava a um, mais detestava o outro, nunca Charles lhe parecia tão desagradável, ter as mãos tão sapudas, o espírito tão grosseiro e os modos tão vulgares como depois destes encontros com Rodolphe, em que passavam algum tempo juntos. Então, enquanto fazia de esposa e mulher virtuosa, sentia-se inflamar

pela ideia daquela cabeça cujos cabelos negros se enrolavam em caracol sobre a fronte crestada, daquele corpo ao mesmo tempo tão robusto e tão elegante, daquele homem, enfim, tão cheio de experiência e discernimento, tão arrebatado no desejo! Era para ele que limava as unhas com um cuidado de cinzelador e punha sempre mais could cream na pele e pachuli nos lenços. (FLAUBERT, 2000, p. 193).

A situação estava a ficar insuportável a tal ponto que Emma resolve fugir com o amante. Como Rodolphe tinha assuntos pendentes na cidade, combinaram de irem embora no mês seguinte. O plano já tinha sido todo arquitetado:

[...] Ela sairia de Yonville como se fosse para ir fazer compras a Ruão. Rodolphe teria marcado os lugares, conseguido os passaportes e até escrito para Paris, a fim de terem transporte completo até Marselha, onde comprariam uma caleche e, de lá, continuariam sem parar, pela estrada de Génova. Ela teria tido o cuidado de mandar para casa de Lheureux a bagagem, que seria levada diretamente à Andorinha, de modo que assim ninguém suspeitaria, e, em tudo aquilo, a filha não entrava nos planos. Rodolphe evitava falar no assunto, talvez ela já não pensasse mais nisso. (FLAUBERT, 2000, p. 203).

Neste contexto, os arquétipos de Lilith e Samael estão representados na figura de Emma e Rodolphe. Da mesma forma que Lilith profana o nome de Deus e foge com Samael para a região do mar vermelho para viver amaldiçoada, Emma dá as costas ao seu marido devoto e planeja fugir com o amante. Na noite anterior a da fuga, como de costume, Rodolphe vai até a casa de Emma para confirmar que estava tudo certo. O céu estava estrelado, e a lua estava cheia. A própria natureza se colocava como testemunha do delito deles:

A Lua, bem redonda e cor de púrpura, erguia-se a rasar o horizonte, ao fundo da pradaria. Subia rápida entre os ramos dos ulmeiros, que de vez em quando a escondiam, como uma cortina preta com buracos. Depois ela apareceu, resplendente de brancura, no céu limpo que iluminava, e então, afrouxando a sua marcha, deixou cair sobre o rio uma grande mancha, que produzia uma infinidade de estrelas, aquele clarão de prata parecia retorcer-se ali até ao fundo, à maneira de uma serpente sem cabeça, coberta de escamas luminosas. (FLAUBERT, 2000, p. 204).

Neste trecho, podemos encontrar dois símbolos que comumente são considerados representações de Lilith, quais sejam: a lua e a serpente. Como já vimos, no primeiro capítulo, especialmente na mitologia egípcia e greco-romana, Lilith está diretamente associada à Lua Negra, sendo até mesmo cultuada em muitas culturas. Na mitologia grega, Lilith também é a representação da medusa, a mulher com cabelos de serpente que transforma os homens em estátua de pedra quando estes olham diretamente para os seus olhos. Para a tradição judaica, Lilith foi a serpente do Éden que levou Eva a comer do fruto proibido que é a representação do conhecimento.

Porém, quando chegou em casa, Rodolphe se arrepende do seu intento e escreve uma carta se desculpando e informando que ele tinha decidido não mais fugir com ela, pois tal atitude seria uma grande loucura e que comprometeria sua reputação para sempre. Não obstante, ele disse que nunca a esqueceria e que a levaria em seu coração para todo o sempre. Quando recebe a carta, Emma quase desmaia. De novo Emma se vê abandonada: primeiro por Léon, a quem teve a chance de expressar seus sentimentos, mas não o fez, e agora, por Rodolphe. Seu mundo havia desmoronado.

Com a partida de Rodolphe, a saúde de Emma só piorava. Por quarenta e três dias, Emma ficou de cama e Charles não foi trabalhar para cuidar da esposa. Aos poucos, Emma ia se recuperando e voltando às suas atividades normais do dia a dia. Quando já estava totalmente recuperada, o farmacêutico aconselhou Charles a levar Emma ao teatro de Ruão para se distrair um pouco. Ao chegar lá, eles encontram Léon que havia recém chegado de Paris. Ao se deparar com o rapaz, a chama que estava adormecida dentro dela voltou a reacender, mas agora, parecia ainda mais forte do que antes.

No meio do espetáculo, Emma sente um calor repentino e resolve tomar um pouco de ar fresco. Charles e Léon acompanham-na. Os três conversaram sobre os acontecimentos dos últimos três anos em que Léon estivera fora. Charles comenta que ele e a esposa retornariam no dia seguinte, mas disse que não se importaria se Emma quisesse ficar mais um pouco para assistir o final da peça que não havia conseguido assistir. Emma viu nisso a oportunidade para ficar a sós com Léon e retomar de onde eles haviam parado.

No dia seguinte, Léon aparece no hotel onde Emma estava hospedada. Pareciam até que já eram íntimos. Os dois ficaram horas conversando sobre os mais variados assuntos até que, em um determinado momento, eles começaram a lembrar os momentos que tiveram outrora no passado e acabaram por se declarar um ao outro, coisa que não tiveram coragem de fazer na época. Léon lamenta o fato de não terem se conhecido antes, mas não era tarde ainda para recomeçar. Porém, Emma argumentou que ela era muito velha para ele e que poderia arranjar uma moça jovem e descomprometida, porém, seu esforço em afastá-lo foi em vão.

Emma mostrou-lhe as impossibilidades daquele amor e que deviam contentar-se, como antes, com os simples termos de uma amizade fraternal. Estaria falando seriamente? Naturalmente nem ela própria o sabia, obcecada como estava pelo encanto da sedução e pela necessidade de se defender dela, e, contemplando o rapaz com um olhar terno, repelia suavemente as tímidas carícias que ele com mãos trêmulas procurava fazer-lhe. (FLAUBERT, 2000, p. 242).

Quando se deram por si, já era tarde da noite. Léon se despediu, mas a fez prometer que se encontrariam novamente antes que ela fosse embora. Ela pediu que ele o encontrasse na catedral da cidade às 11h da manhã. Depois de fazerem um tour pela igreja na companhia do suíço, por duas intermináveis horas, Léon resolve pegar Emma pelo braço e arrastá-la para fora da igreja. Ele já havia esperado muito tempo por aquele momento e não podia esperar mais. Os dois, então, pegam uma carruagem. O cocheiro perguntou qual era o destino, mas Léon disse que ele fosse pra onde quisesse. De tempos em tempos, ele ordenava para que o cocheiro continuasse seguindo em frente. Eles ficaram por mais de seis horas dentro da carruagem, o que dá a entender que os dois mantiveram relações sexuais no interior do veículo.

Emma voltou para Yonville no dia seguinte. Passado algum tempo, surgiu a oportunidade de Emma voltar a Ruão a fim de consultar o próprio Léon a respeito de uma procuração do marido. Os dois pareciam um casal de recém-casados. A cada dia estavam mais apaixonados um pelo outro.

Foram três dias plenos, deliciosos, esplêndidos, uma autêntica lua-de-mel. Instalaram-se no Hotel de Bolonha, que ficava no cais. E ali viveram, de persianas fechadas, portas trancadas, rodeados de flores e de xaropes gelados, que lhes levavam logo de manhã. À tarde metiam-se num barco coberto e iam jantar a uma ilha. (FLAUBERT, 2000, p. 262).

Depois de três dias, Emma retorna para Yonville. Contudo, antes de partir, eles combinaram de continuarem se correspondendo por cartas, mas ela pediu que ele as enviasse para a casa da tia Rolet, ama de Berth. A distância, em vez de diminuir o desejo, só fazia com que este aumentasse mais. Como não podia mais se conter, Léon resolve ir até a casa do médico a fim de ver Emma novamente. Quando chegou, Emma estava no quarto. Apesar de surpreso com a visita do rapaz, Charles ficou feliz em revê-lo. Passados alguns minutos, Emma desceu. Talvez, não quisesse demonstrar que estava ansiosa para encontrá-lo de novo. À noite, Emma encontrou Léon no beco atrás do jardim, como fazia em outros tempos com Rodolphe.

A separação tornava-se-lhes insuportável. - Antes queria morrer! - dizia Emma. Torcia-se sobre o braço dele, banhada em pranto. - Adeus!... Adeus!... Quando voltarei a ver-te? Voltaram atrás para se beijar mais uma vez, e foi nessa altura que ela lhe prometeu arranjar em breve, por qualquer meio, um processo de se verem livremente, com regularidade, pelo menos uma vez por semana. Emma não tinha dúvidas. (FLAUBERT, 2000, p. 265-266).

A fim de encontrar um pretexto para continuar se encontrando com Léon, Emma resolve tomar aulas de música. Uma vez na semana, Emma ia à cidade e se encontrava com o amante em um quarto de hotel. Se amavam o dia inteiro como dois adolescentes na puberdade.

O dia seguinte era terrível e os outros depois desse mais intoleráveis ainda, pela impaciência que Emma tinha de reaver a felicidade - um ávido desejo, inflamado de imagens conhecidas, que, no sétimo dia, se expandia livremente nas carícias de Léon. Os ardores deste manifestavam-se em expansões de espanto e reconhecimento. Emma saboreava aquele amor de um modo discreto e absorto, encorajava-o por todos os artifícios da sua ternura, receando um pouco vir a perdê-lo mais tarde. (FLAUBERT, 2000, p. 275).

Emma estava cada vez mais indiscreta e extravagante. Parecia que ela não se preocupava mais com sua reputação e nem ao menos em ser descoberta. Passeava com Léon pelas ruas da cidade sem receio nenhum de encontrar algum conhecido. Suas variações de humor também se tornavam cada vez mais frequentes. O seu lado sombrio, ligado ao arquétipo de Lilith, estava mais aflorado do que nunca:

Que expansão de alegria, na quinta-feira seguinte, no hotel, com Léon, no quarto! Ela riu, chorou, cantou, dançou, mandou trazer sorvetes, quis fumar cigarros, pareceu-lhe extravagante, mas adorável, soberba. Léon não compreendia que reação no interior daquela alma a impelia ainda mais a precipitar-se sobre os prazeres da vida. Ela tornava-se irritável, gulosa e voluptuosa, passeava com ele pelas ruas, de cabeça erguida, sem medo de se comprometer, como ela dizia. Por vezes, no entanto, estremecia quando lhe ocorria a ideia de poder tornar a encontrar Rodolphe, porque lhe parecia que, embora se tivessem separado para sempre, ainda não se tinha libertado completamente da sua dependência. (FLAUBERT, 2000, p. 283).

Com o tempo, a paixão foi se esfriando. As palavras doces e melosas tornavam-se enfadonhas. O relacionamento deles havia caído na rotina. Parecia que eles eram casados há anos. Emma prometia para si mesma que no encontro seguinte seria diferente, mas o encanto havia acabado de ambas as partes, mas de alguma forma, eles não queriam aceitar a realidade. Não obstante, no próximo encontro, Emma se mostrou ainda mais sensual e envolvente, como uma forma de manter seu amante preso a si. No fundo, Emma não amava ninguém. O que ela gostava era desse jogo de sedução, tal como um predador à caça de sua presa.

Começaram a falar mais frequentemente de coisas indiferentes ao amor mútuo, e, nas cartas que Emma lhe mandava, o assunto eram flores, versos, a Lua e as estrelas, ingênuos recursos de uma paixão enfraquecida, procurando reavivar-se por meio de todos os recursos exteriores. Ela prometia a si mesma, constantemente, uma profunda felicidade para a próxima viagem, depois verificava que não sentia nada de extraordinário. Essa decepção apagava-se rapidamente com uma nova esperança, e Emma voltava para ele mais inflamada, mais ávida. Despia-se bruscamente, arrancando o fino cordão do espartilho, que lhe sibilava em volta dos quadris como uma cobra rastejando. Ia mais uma vez descalça, nas pontas dos pés, verificar se a porta estava trancada, depois, com um só gesto, fazia cair todo o vestuário, e, pálida, muda, séria, atirava-se sobre o peito dele, com um longo estremecimento. (FLAUBERT, 2000, p. 290).

Emma o sufocava cada vez mais: queria controlar os seus passos, saber onde tinha ido na sua ausência e lhe exigia versos apaixonados, o que fazia com que Léon se desinteressasse cada vez mais por ela. Para piorar a situação, a mãe de Léon recebe uma carta anônima que

dizia que seu filho estava se envolvendo com uma mulher casada. “[...] e logo a boa senhora, entrevendo o eterno *espantinho das famílias*, isto é, a vaga *criatura pernicioso*, a *sereia*, o *monstro*, que habita fantásticamente nas profundezas do amor, escreveu ao doutor Dubocage, o patrão, que foi perfeito a tratar do assunto” (FLAUBERT, 2000, p. 297, grifo nosso). Novamente vemos aqui a representação da figura imagética de Lilith por meio do arquétipo da sereia.

Emma, por sua vez, continuava a alimentar um sentimento que já havia morrido, mas que ela insistia em manter vivo por meio das cartas. A diferença é que, agora, quando ela escrevia, não era mais a imagem de Léon que vinha a sua mente, mas um homem imaginário que ela própria criara em sua imaginação, fruto dos romances que lia:

Enquanto lhe escrevia, porém, via outro homem, um fantasma construído das suas mais ardentes recordações, das suas mais belas leituras, dos seus mais fortes desejos, e ele tornava-se-lhe por fim tão verdadeiro e acessível que Emma palpitava maravilhada, sem poder entretanto imaginá-lo com nitidez, de tal modo ele se perdia, como um deus, na abundância dos seus atributos. Habitava a região azulada onde as escadas de seda baloçam às varandas, ao aroma das flores, ao luar. Sentia-o junto de si, ele ia aparecer-lhe e arrebatá-la toda num beijo. Depois ficava completamente abatida, extenuada, é que aqueles ímpetos de amor vago a cansavam mais do que grandes orgias. Sentia agora um estado de abatimento constante e geral. (FLAUBERT, 2000, p. 298).

Além disso, Emma se afundava cada vez mais em dívidas. Seus bens estavam prestes a serem penhorados. Ela tinha vendido até mesmo pertences pessoais a fim de angariar dinheiro para pagar parte da dívida, mas ainda não era suficiente. Emma, então, resolve pedir dinheiro a Léon, mas este não pôde ajudá-la. Ele até tentou pegar emprestado com outras pessoas, mas sem sucesso. Emma sugeriu que ele pegasse no cartório, mas isso já era demais para ele. “As suas pupilas inflamadas irradiavam uma *ousadia infernal* e semicerrava as pálpebras de um modo *lascivo* e incitador - de tal modo que o rapaz se sentiu enfraquecer perante a muda vontade daquela mulher que o aconselhava a cometer um crime” (FLAUBERT, 2000, p. 305, grifo nosso). Talvez fosse o momento certo de acabar com aquele romance de uma vez por todas. Emma chegou a recorrer até mesmo ao antigo amante que também não a socorre.

[...] A desilusão do mau êxito reforçava-lhe a indignação do pudor ultrajado, parecia-lhe que a Providência se empenhava em persegui-la, e, estimulando-se-lhe o orgulho com esta ideia, sentiu, mais do que nunca, uma grande estima por si mesma e um profundo desprezo pelos outros. Havia qualquer coisa de belicoso a dominá-la. Sentia vontade de bater nos homens, cuspir-lhes na cara, esmagá-los todos, e continuava a avançar rapidamente, pálida, trêmula, enraivecida, perscrutando com os olhos rasos de lágrimas o horizonte vazio, quase sentindo prazer no ódio que a sufocava. (FLAUBERT, 2000, p. 313).

Neste trecho vemos nitidamente a manifestação de Lilith na figura da mulher demoníaca e vingativa. Por conta da sua recusa de se submeter à autoridade de Adão, Lilith se vê obrigada a fugir. Lilith abriu mão do paraíso em prol da sua liberdade. Porém, ela foi relegada a viver por toda a eternidade com espíritos demoníacos. A partir deste momento, Lilith passou a atormentar os sonhos de todos os homens, de todas as gerações. Da mesma forma, ao se sentir preterida por seus amantes, Emma extravasa a sua fúria e declara guerra a todos os homens da face da terra.

Com Lilith surge o lado demoníaco, um princípio que não deseja ser subjugado ao controle patriarcal. Por esse motivo foi excluído e refutado do feminino, tornando-se sombrio e negativo. A redenção e o resgate desta força expressa em Lilith ocorrerão quando ela for reconhecida com o devido cuidado e atenção, sendo ouvida e atendida sempre que houver espaço para questionar e expressar. (PIRES, 2008, p. 128).

Ao se ver sem saída, Emma toma uma decisão sem volta. Ela vai à casa do farmacêutico e pede que Justin lhe dê a chave do armário onde está o frasco de arsênico que ela alegara que era para matar os ratos que não a deixavam dormir. Na posse do vidro, Emma ingere o seu conteúdo e se envenena. Retornando para casa, Emma sobe ao quarto, escreve uma carta para Charles e pede que este a leia somente no dia seguinte. Passado algum tempo, Emma começa a passar mal. As horas se passavam e Emma só piorava. Ela pede que Charles leia a carta e ele fica atônito ao descobrir que ela havia se envenenado. Chegaram a chamar o Dr. Canivet e o antigo professor de Charles, mas já era tarde demais. Só deu tempo de chamar o padre para a extrema unção. Após a morte de Emma, Charles descobre suas traições e morre de desgosto.

### **2.3. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE EVA**

No início do casamento, tudo era flores! Emma acreditava que, com o casamento, ela viveria finalmente o amor que tanto lia nos romances. Emma se esforçava para ser uma esposa dedicada. Cuidava do lar com o primor de uma dona de casa exemplar. Além disso, era letrada e dada às artes. No seu tempo vago, Emma gostava de desenhar e tocar piano. Era uma mulher completa em todos os sentidos. Charles estava demasiado satisfeito com a escolha que fizera. Tinha a esposa perfeita: bonita, inteligente e uma excelente administradora do lar. O que mais um homem poderia querer?

Emma, por outro lado, sabia dirigir a casa. Mandava aos doentes a conta das visitas, em cartas muito bem redigidas que nem cheiravam a fatura. Quando, ao domingo, convidavam algum vizinho para jantar, ela arranjava maneira de oferecer um prato bem apresentado, tinha habilidade para dispor sobre folhas de parreira pirâmides de



rainhas-cláudias, servia pudins desenformados sobre um prato e até dizia que havia de comprar tacinhas para a sobremesa. Tudo isso resultava em muita consideração para Bovary. Charles chegava a sentir-se mais importante pelo fato de possuir uma mulher como aquela. Mostrava com orgulho dois pequenos esboços que tinha na sala, feitos por ela a carvão e mandados encaixilhar por ele em enormes molduras, suspensas contra o papel da parede por compridos cordões verdes. À hora de sair da missa, as pessoas viam-no à porta de casa calçando belas pantufas bordadas. Recolhia-se tarde, às dez horas, por vezes à meia-noite. Então pedia comida e, como a criada já estava deitada, era Emma que o servia. (FLAUBERT, 2000, p. 40).

Emma assinara a revista feminina a fim de se atualizar quanto às tendências da moda. Não fazia muito tempo que Emma saíra do campo e ela queria parecer cada vez mais com as moças da cidade, especialmente as mulheres de Paris. Queria usar as mesmas roupas, os mesmos penteados, queria decorar a casa com os mesmos móveis e utensílios domésticos. Ela queria parecer uma verdadeira parisiense. Por onde ela ia, estava ela com o livro de romance nas mãos. Sentada à mesa na hora do jantar, deitada na cama em seu quarto. Sua vida girava em torno dos romances.

A rotina de Charles como médico era bem puxada. Tinha que fazer várias visitas durante o dia, muitas dessas em lugares de difícil acesso. Geralmente fazia esses trajetos a cavalo, se expondo, não poucas vezes, à chuva e à neve. No fim do dia, Charles estava exausto, mas o que o consolava é que ele chegaria em casa e encontraria sua esposa amada e devota que lhe cobriria de cuidados e atenção.

Comia fritadas à mesa das herdades, metia o braço dentro de camas húmidas, apanhava no rosto com o jato morno das sangrias, ouvia pieiras, examinava bacias e pegava em muita roupa suja; mas encontrava, todas as noites, o fogo ateadado, a mesa posta, móveis confortáveis e uma mulher com vestidos finos, encantadora, cheirando a frescura, não se percebendo mesmo donde provinha aquele odor, ou se não seria a sua pele que lhe perfumaria a camisa. Emma encantava-o com as inúmeras delicadezas: ora se tratava de uma nova maneira de fazer arandelas de papel para as velas, um folho que mudava no vestido, ou o nome extraordinário de um prato muito simples, que a criada estragara, mas que Charles se deleitava a engolir até ao fim. Viu em Ruão senhoras que usavam no relógio uma quantidade de berloques; comprou berloques. Quis ter em cima do fogão duas grandes jarras de vidro azul e, pouco tempo depois, um estojo de marfim com um dedal de prata dourada. Quanto menos Charles compreendia aquelas elegâncias, mais sentia a sua sedução. Acrescentavam alguma coisa mais ao prazer dos sentidos e à doçura do lar. (FLAUBERT, 2000, p. 58).

Emma também desejava ter um filho varão. Como já vimos na primeira seção, o nascimento de um filho homem sempre foi melhor aceito pela sociedade patriarcal androcêntrica do que o nascimento de uma filha mulher. Além de não perpetuar o nome da família, já que a mulher quando se casava recebia o nome do marido, uma filha mulher está destinada a se casar e ter filhos, não tendo nenhum direito de escolha quanto a isso. Emma não queria que sua filha tivesse o mesmo destino que ela. Se tivesse um filho homem, ao menos,

ele poderia ser livre, o que aplacaria um pouco a frustração de ela mesma não ter nascido homem.

Ela desejava um rapaz, seria forte e moreno, chamar-se-ia Georges, e esta ideia de ter um filho varão era uma espécie de desejo de desforra de todas as suas frustrações passadas. Um homem, pelo menos, é livre, pode explorar todas as paixões e todas as terras, atravessar os obstáculos, tomar o gosto das venturas mais distantes. Mas uma mulher é continuamente impedida de tudo. Ao mesmo tempo inerte e flexível, tem contra si a *debilidade da carne* juntamente com a força da lei. A sua vontade, como a aba do chapéu preso por um cordão, flutua a todos os ventos, há sempre algum desejo que a arrasta e alguma conveniência que a detém. (FLAUBERT, 2000, p. 83, grifo nosso).

Emma e Charles pareciam mais felizes do que nunca, porém não demorou muito para que toda essa felicidade viesse por água a baixo. Ao conhecer Léon, a vida de Emma virara de cabeça para baixo. Ela vira em Léon tudo aquilo que ela admirava em um homem, mas não encontrava em Charles. Léon era um homem letrado, elegante e bem apessoado, como os mocinhos dos romances que ela lia constantemente. Pela primeira vez, Emma se sente atraída por outra pessoa que não fosse seu marido. Claro que, às vezes, Emma se pegava suspirando pelos homens que ela encontrava nos livros, mas eles viviam apenas em sua imaginação. Agora ela tinha um bem na sua frente de carne e osso. Ela viu em Léon a possibilidade de viver tudo aquilo que tanto sonhara, mas o seu lado Eva, falava mais alto. A fim de disfarçar seu interesse por Léon, Emma resolve se tornar uma esposa ainda mais dedicada do que antes.

Viram-na tomar a peito o governo da casa, voltar a frequentar regularmente a igreja e tratar a criada com um pouco mais de severidade. Retirou Berthe da ama. Félicité trazia-a quando vinham visitas e a senhora Bovary despia-a para mostrar como era robusta. Dizia que adorava crianças, eram a sua consolação, a sua alegria, a sua loucura, e acompanhava as carícias com tais expansões líricas que, a outra gente que não fosse a de Yonville, teriam feito recordar a Religiosa de Nossa Senhora de Paris. Quando Charles voltava, à noite, encontrava as suas pantufas a aquecer junto da lareira. Os seus coletes agora não tinham falta de forro e as camisas de botões, e até dava gosto ver no armário todos os barretes de algodão dispostos em pilhas iguais. Já não se mostrava contrariada, como antes, por passear no jardim, com tudo o que ele propusesse ela logo concordava, ainda que não adivinhasse as vontades às quais se submetia sem um murmúrio, e, quando Léon o via ao canto do fogo, depois de jantar, com ambas as mãos apoiadas na barriga, os pés sobre o rebordo da chaminé, as faces ruborizadas pela digestão, os olhos húmidos de felicidade, com a criança a gatinhar sobre o tapete e aquela mulher de cintura delicada que, por sobre as costas da poltrona, lhe ia dar um beijo na testa, dizia de si para consigo: “Que loucura! Deste modo, como será possível consegui-la?” Emma pareceu-lhe assim tão virtuosa e inacessível que o fez abandonar toda e qualquer esperança. (FLAUBERT, 2000, p. 101-102).

Não obstante, seu desejo por Léon aumentava cada vez mais, apesar de suas tentativas frustradas de refutá-lo. Léon também não era indiferente a sua pessoa, o que dificultava ainda mais o processo de desaparego. Emma não queria parecer vulgar nem muito menos oferecida. Queria mostrar que era uma mulher “virtuosa”, acima de qualquer suspeita. Contudo, a paixão

começa a consumir Emma, de tal modo, que a mesma começa a emagrecer e a perder a alegria de viver. Emma tinha um espírito livre como o de Lilith, mas sua mente ainda estava presa às convenções da sociedade em que vivia.

Mas, quanto mais Emma tomava consciência do amor, mais o recalrava, para que não aparecesse e o fazer diminuir. Sentia o desejo de que Léon lhe adivinhasse o sentimento, e imaginava circunstâncias de acaso, catástrofes que pudessem contribuir para isso. O que a detinha era, sem dúvida, a inércia ou o receio, e também o pudor. Imaginava que o tinha repellido demasiado, que já não havia oportunidade e que tudo estava perdido. Também o orgulho, a satisfação de poder dizer: “Sou virtuosa”, e de olhar para o espelho assumindo poses de resignação, a consolava um pouco pelo sacrifício que acreditava estar fazendo. (FLAUBERT, 2000, p. 103).

Como não encontrava meios e nem coragem para conquistar Emma, Léon resolve ir embora para Paris. Lá se fora a sua única esperança de ser feliz. No dia seguinte, estavam todos novamente na casa do farmacêutico. Ele comenta sobre a partida de Léon e pergunta a Charles sobre as novidades e ele responde: “Nada de especial. Só a minha mulher é que esteve esta tarde um pouco comovida. Sabe como é, as mulheres, qualquer coisa as perturba! Sobretudo a minha! E seria errado revoltarmo-nos com isso, porque *a constituição nervosa delas é bastante mais frágil do que a nossa.*” (FLAUBERT, 2000, p. 116, grifo nosso).

Se analisarmos criticamente esta passagem, há um preconceito implícito nesta declaração, de que as mulheres são intelectualmente e emocionalmente inferiores aos homens, características essas prototípicas do arquétipo de Eva que se coloca sempre em uma posição subalterna ao homem. De acordo com Pires (2008, p. 56-57), há “uma interpretação alegórica em que Adão e Eva eram representantes de duas características da natureza humana: Adão, feito à imagem de Deus, é a mente, o elemento racional, nobre e masculino. Já Eva é o corpo, a sensação, o elemento feminino inferior e fonte das paixões”.

Quando Emma já havia superado a partida de Léon, eis que surge outro homem para lhe tirar a paz e desviar-lhe do bom caminho. Porém, diferente de Léon, Rodolphe era um homem experiente com as mulheres e sua fama não era boa. Ele, então, a seduz e passa a ter um romance secreto com ela. No início, tudo era maravilhoso e excitante, mas com o tempo, Emma passou a sufocar o amante de tal forma que seu comportamento começou a incomodá-lo. Emma também passou a ser indiscreta a ponto de comprometer sua própria reputação. Rodolphe chama a atenção dela quanto a isso, e a partir daí, Emma entra em uma neurose, talvez, mais por conta da culpa que ela sentia por estar traindo o marido do que pelo medo de ser descoberta.

Pouco a pouco, aqueles receios de Rodolphe tomaram posse dela. O amor tinha começado por embriagá-la, não a deixando pensar em mais nada. Mas agora, que se lhe havia tornado indispensável à vida, receava sofrer-lhe a mínima perda, ou até mesmo perturbá-lo. Quando voltava de casa dele, lançava em torno de si olhares inquietos, vigiava cada vulto que passasse no horizonte e cada postigo da vila donde pudesse ser avistada. Escutava os passos, os gritos, o ruído das charruas; parava mais pálida e mais trêmula do que as folhas dos choupos balouçando por cima da sua cabeça. (FLAUBERT, 2000, p. 172).

“Além disso, ela tornara-se muito sentimental. Fora necessário trocarem retratos em miniatura, tinham cortado um ao outro madeixas de cabelo e agora pedia ela um anel, uma verdadeira aliança de casamento, em sinal de aliança eterna” (FLAUBERT, 2000, p. 176). Emma queria fazer do amante marido, o que acabava com toda a magia. O que tornava a relação deles excitante era o fato de ser algo proibido e efêmero. Não obstante, Emma queria garantias de que o amor de Rodolphe duraria para sempre. Isso o cansava sobremaneira e estava desgastando a relação dos dois de forma que Rodolphe passou a tratar Emma com uma certa indiferença, fazendo com que ela mendigasse ainda mais a sua atenção e se submetesse cada vez mais às suas vontades.

Já não tinha, como dantes, aquelas palavras tão doces que a faziam chorar, nem aquelas carícias veementes que a faziam endoidecer; de tal maneira que o grande amor existente entre ambos, e em que ela vivia mergulhada, lhe pareceu diminuir aos seus pés, como a água de um rio absorvida pelo seu próprio leito descobrindo o lodo. Emma não quis acreditar; redobrou de ternura; e Rodolphe foi escondendo cada vez menos a sua indiferença. Ela não sabia se lastimava ter-lhe cedido, ou se não desejava, pelo contrário, querer-lhe ainda mais. *A humilhação de se sentir fraca* transformava-se num rancor que se acalmava com as voluptuosidades. Não era dedicação, era uma espécie de sedução permanente. *Ele subjugava-a*. Ela quase que tinha medo dele. (FLAUBERT, 2000, p. 177, grifo nosso).

Quanto mais Rodolphe lhe desprezava, mais Emma se sentia atraída por ele. Ela estava completamente obcecada. Queria saber todos os seus passos, onde estava e com quem. Comprava-lhe presentes para ver se assim ele voltava a ser atencioso como antes, mas ao contrário, Rodolphe se sentia ofendido. Ele recusava-se a receber os agrados da amante, mas depois de tanto ela insistir, ele acabava aceitando. Emma colocara Rodolphe em um pedestal. Ela o venerava de tal maneira que o tinha quase como um “deus”. Emma estava totalmente entregue.

Além do pingalim com castão de prata dourada, Rodolphe recebera um sinete com esta divisa: Amor nel cor, recebeu ainda um lenço para agasalhar o pescoço e, finalmente, uma caixa para charutos igualzinha à do visconde, que Charles em tempos achara na estrada e que Emma conservava consigo. Entretanto, estas ofertas humilhavam-no. Recusava algumas, ela insistia e Rodolphe acabava por obedecer, achando-a tirânica e demasiado importuna. Depois, ela tinha ideias estranhas: - Quando bater a meia-noite - dizia ela -, pensa em mim! E, se ele confessava ter-se esquecido, fazia-lhe uma quantidade de censuras, terminando sempre com a eterna pergunta: - Amas-me? - Claro que te amo! - respondia ele. - Muito? - Com certeza! -

E nunca amaste outras? - Julgas então que me conheceste virgem? - exclamava ele, rindo. Emma chorava e ele esforçava-se por consolá-la, enfeitando com trocadilhos os seus protestos. - Oh!, é que eu amo-te! - prosseguia ela. - Amo-te a ponto de não poder passar sem ti, sabes isso? Às vezes tenho desejos de te ver e sinto-me atormentada por todas as fúrias do amor. Ponho-me a perguntar: “Onde estará ele? Quem sabe se está a falar com outras mulheres? Elas sorriem-lhe, ele aproxima-se...” Mas não! Nenhuma outra te agrada, não é verdade? Há algumas mais belas, mas eu sei amar melhor! *Sou tua serva e tua concubina. Tu és o meu rei, o meu ídolo*, tu és bom, tu és belo!, tu és inteligente!, tu és forte! (FLAUBERT, 2000, p. 196-197 grifo nosso).

Emma e Rodolphe planejam fugir, mas na última hora o amante desiste e manda uma carta se desculpando, dentro de uma cesta cheia de damascos, com a justificativa de que isso mancharia sua reputação. Porém, para ir em direção a Ruão, que era o seu destino, Rodolphe teria que passar por Yonville. Quando a carruagem deste passou, Emma conseguiu vê-lo e teve uma convulsão. Os que presenciaram a cena, acharam que o motivo de ela ter passado mal poderia ter sido por conta do aroma que exalava dos damascos, alegando que, por serem mais “frágeis”, as mulheres estariam mais propensas a transtornos psicológicos. De novo, percebe-se aqui, uma tentativa de inferiorizar a mulher e classificá-la como um ser de segunda classe, como se vê no trecho a seguir:

Há temperamentos extremamente sensíveis em relação a determinados aromas. Seria um bom assunto de investigação, tanto no aspecto patológico como no aspecto fisiológico. Os padres, que sempre utilizaram perfumes nas suas cerimônias, conhecem-lhes a importância. Fazem isso para nos embotar a mente e provocar êxtases, o que é, aliás, fácil de conseguir em pessoas do sexo feminino, que são mais delicadas do que nós. Conhecem-se casos de algumas que desmaiaram com o cheiro de chifre queimado, de pão quente... (FLAUBERT, 2000, p. 214-215).

Quando Emma achou que sua vida estava voltando ao normal, eis que ressurgue Léon. A fim de que a esposa espirecesse um pouco, Charles resolve levar Emma a uma apresentação musical em Ruão. Lá eles reencontram Léon que havia retornado recentemente de Paris. Ao rever a senhora Bovary, o jovem rapaz se dá conta de que não a havia esquecido. No dia seguinte, Charles retorna para Yonville e Emma resolve ficar. Léon vê então a oportunidade para finalmente declarar todo o seu amor.

No dia seguinte, Léon procura por Emma no hotel e os dois passam a tarde toda juntos. Mas chegava a hora de ir embora. Ela havia prometido a Charles que retornaria à tarde daquele mesmo dia. A Lilith que havia dentro dela queria estar com Léon e esquecer-se da hora, mas seu lado Eva sempre a trazia de volta à sua medíocre realidade e a lembrava das suas obrigações como esposa.

Nada havia, naturalmente, que a obrigasse a partir, mas dera a sua palavra de que regressaria naquela mesma tarde. Além disso, Charles estava à sua espera, e já ela sentia no íntimo essa covarde submissão que, para muitas mulheres, é como que o castigo e, simultaneamente, a expiação do adultério. (FLAUBERT, 2000, p. 251).

A fim de se encontrar com Léon, Emma diz ao marido que quer retomar as aulas de música. Todo visitante que chegava à casa de Charles elogiava Emma e dizia a Charles que ele deveria incentivar sua esposa a continuar estudando música, pois além de ser um dom natural que não deveria ser desperdiçado, ele economizaria com a educação da filha.

E, quando alguém a visitava, nunca deixava de dizer que tinha abandonado a música e que não podia agora voltar a ela, por razões de força maior. Então as pessoas lastimavam-na. Era uma pena! Ela que tinha tanto talento! Chegaram a falar nisso a Bovary, envergonhando-o, sobretudo o farmacêutico. - É mal feito! Nunca se devem deixar por cultivar as faculdades naturais. Além disso, o meu bom amigo deve pensar que, animando a sua esposa a estudar, economizará mais tarde na educação da sua filha! Eu sou da opinião de que as mães devem educar os seus próprios filhos. É uma ideia de Rousseau, talvez ainda um pouco nova, mas que acabará por triunfar, tenho disso a certeza, tal como o aleitamento materno e as vacinas. (FLAUBERT, 2000, p. 267).

Novamente, vemos aqui a reafirmação de um estereótipo, de que cabe à mulher e não ao homem a responsabilidade pela educação dos filhos. Na sociedade patriarcal, o homem é o macho reprodutor e provedor da casa, enquanto que a obrigação de cuidar e educar os filhos é da mulher.

Uma vez na semana, Emma ia até Ruão e encontrava-se com o amante em um quarto de hotel. Emma voltou a viver novamente o amor dos romances como outrora vivera com Rodolphe. Mas com o tempo, Emma caiu no mesmo erro que cometera com o primeiro amante. Queria controlar a vida de Léon, saber o que ele havia feito na sua ausência, exigia-lhe versos e poemas de amor.

Exigia que Léon, todas as vezes, lhe relatasse toda a sua conduta, desde o último encontro. Pedia-lhe versos, versos dedicados a ela, um poema de amor em sua homenagem, ele nunca conseguia encontrar a rima do segundo verso e acabou por copiar um soneto de um álbum de recordações. (FLAUBERT, 2000, p. 285).

Com o tempo, a paixão de ambos foi se esfriando. Mas por algum motivo que eles mesmos desconheciam, não conseguiam romper os laços que os prendiam um ao outro. Até o momento que a mãe de Léon recebe uma carta anônima que dizia que seu filho estava envolvido com uma mulher casada. Ela, então, resolve escrever para o seu chefe, a fim de que este o convença de que isso seria péssimo para a sua carreira profissional. Para piorar a situação, Emma estava afundada em dívidas e acaba pedindo dinheiro emprestado a Léon, porém o mesmo não pôde ajudá-la. Ela sugere que ele roube dinheiro do cartório, o que foi a gota d'água

para que ele arranjasse a coragem necessária para pôr fim àquele relacionamento que já estava se tornando tóxico.

Como não consegue a ajuda de Léon, a mesma recorre ao antigo amante Rodolphe. Ela relembra os momentos que passaram juntos, de como haviam se amado. Pergunta o porquê de ele a ter abandonado. Logo ela, que havia lhe dedicado todo o seu amor. Emma começa a se humilhar diante de Rodolphe, se fazia de vítima, usava de chantagem emocional, faltava pouco se arrastar aos seus pés. Onde estava a Lilith sedutora e destemida? Agora, quem estava no controle era a Eva frágil e subserviente. Porém, nem mesmo as suas lágrimas comovem Rodolphe.

- Como querias tu que eu vivesse sem ti? A gente não se desabitua da felicidade! Estava desesperada! Pensava que morria! Depois te contarei tudo isso, verás. E tu... tu fugiste-me!... Havia três anos que Rodolphe a evitava cuidadosamente, por essa covardia natural que caracteriza o sexo forte, e Emma continuava a fazer gestos mimalhos com a cabeça, mais meiga que uma gatinha apaixonada: - Tu amas outras, confessa. Oh, eu compreendo-as, deixa. Desculpo-as, naturalmente seduziste-as como me seduziras a mim. [...] Mas eu teria dado, teria vendido tudo, teria ido trabalhar com as minhas mãos, teria mendigado pelas ruas, por um sorriso, por um olhar, para te ouvir dizer: Obrigado! E tu deixas-te ficar aí comodamente na tua poltrona, como se ainda não me tivesses feito sofrer bastante? Se não fosses tu, bem o sabes, eu poderia ter vivido feliz! Qual era o motivo que te obrigava? Alguma aposta? No entanto dizias que me amavas... E ainda há momentos... Ah! Mais valia teres-me escorraçado! Ainda tenho as mãos quentes dos teus beijos, e aqui está o lugar, no tapete, onde me juravas uma eternidade de amor. Fizeste-me acreditar nisso: durante dois anos, arrastaste-me no sonho mais magnífico e delicioso!... Hem! Lembras-te dos nossos projetos de viagem? Ah!, a carta, a tua carta! Despedaçou-me o coração!... E agora, quando me volto para ele, para ele, que é rico, feliz, livre!, para lhe implorar uma ajuda que qualquer pessoa daria, suplicando e trazendo-lhe toda a minha ternura, repele-me, porque lhe custaria três mil francos! (FLAUBERT, 2000, p. 320 e 322-323).

Como não conseguira o dinheiro para pagar as suas dívidas, Emma então se desespera e resolve se matar por envenenamento. Aqui, novamente, podemos perceber de forma evidente o modelo de mulher prototípico de Eva, com apenas uma ressalva. Enquanto Eva foi punida por Deus por ter comido do fruto proibido, Emma se coloca, ela mesma, como réu e juíza de si mesma. Por conta do seu adultério, Emma se autopune com a morte. Porém, antes de dar o seu último suspiro, ela faz as pazes consigo mesma, tal como se vê:

Entretanto Emma refletia que tinham acabado todas as traições, as baixeiras e as inumeráveis concupiscências que a torturavam. Agora não tinha ódio a ninguém, uma confusão crepuscular abatia-se-lhe sobre o pensamento, e, de todos os ruídos da Terra, apenas ouvia já o lamento intermitente daquele pobre coração, vago e indistinto, como o último eco de uma sinfonia que se afasta. (FLAUBERT, 2000, p. 329).

## 2.4. MADAME BOVARY E O ARQUÉTIPO DE MARIA

Quando solteira, Emma havia recebido uma educação religiosa muito rígida. Durante toda a sua infância e parte de sua juventude, Emma estudou em colégio de freiras, mas apesar de todo rigor e disciplina, Emma se sentia bem naquele ambiente espiritualizado. A música sacra, o perfume do incenso, as velas acesas, de alguma forma, faziam com que ela se sentisse mais próxima de Deus.

Longe de se enfastiar no convento nos primeiros tempos, ela gostou da companhia das boas freiras, que, para a divertir, a levavam à capela, onde se entrava por um longo corredor que a ligava ao refeitório. Brincava pouquíssimo durante os recreios, compreendia bem o catecismo e era ela que respondia sempre ao senhor vigário nas perguntas difíceis. Vivendo, portanto, sem nunca sair da tépida atmosfera das aulas e no meio daquelas mulheres de pele muito branca, que usavam rosários com cruces de latão, acomodou-se docilmente à languidez mística que se exala dos perfumes do altar, da frescura das pias de água benta e do flamejar dos círios. Em vez de acompanhar a missa, contemplava no seu livro as vinhetas piedosas orladas de azul e amava a ovelhinha doente, o Sagrado Coração trespassado de flechas agudas, ou o pobre Jesus caindo com a Cruz às costas. Fez o possível, a título de penitência, por ficar um dia inteiro sem comer. Procurava, na sua ideia, alguma promessa para cumprir. Quando ia à confissão, inventava pequenos pecados para se demorar lá mais tempo, ajoelhada na sombra, de mãos postas, com o rosto encostado ao ralo, escutando o cochichar do padre. As comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de casamento eterno, que aparecem repetidamente nos sermões, despertavam-lhe no íntimo da alma imprevistas doçuras. (FLAUBERT, 2000, p. 34).

Apesar de gostar do ambiente sacro do convento, Emma não tinha vocação para o celibato. Como a grande maioria das moças de sua época, Emma sonhava em se casar e ter filhos. Como uma moça do campo, admirava as mulheres da corte, o modo como elas se portavam e se vestiam. Queria ser como as parisienses. Mas como poderia ela desfrutar tudo isso onde ela vivia? Emma, então, viu no casamento a oportunidade de mudar de vida. Foi quando ela conheceu Charles Bovary.

Charles já havia tido um casamento anterior, mas por infelicidade do destino, ficara viúvo. Ele não era o tipo de homem que arrebatava os corações, mas era respeitável, trabalhador e honesto. Seria difícil encontrar alguém melhor naquela região e, além do mais, depois de casada, iria morar na cidade como tanto queria. Poderia frequentar lugares que, antes, só conhecera por intermédio dos livros. Poderia também se vestir como as grandes damas da sociedade.

Depois que se casou, Emma percebeu que o casamento não era exatamente como ela havia imaginado. Na verdade, era muito diferente das histórias de amor que ela lera nos romances. Charles era um marido atencioso e devotado, mas para Emma isso ainda não era



suficiente, faltava-lhe algo mais. Emma pensou consigo mesma que talvez a maternidade pudesse preencher esse vazio que habitava o seu ser.

Quando Emma engravidou, Charles passou a venerá-la ainda mais. Para ele, sua mulher era a mais casta de todas as mulheres. Enchia a esposa de paparicos e cuidados. A ideia de ser pai fazia-lhe transbordar de alegria. Muitas vezes, se pegava admirando a esposa com a barriga de grávida. Ela estava ainda mais bela do que antes, tal como a Virgem Maria grávida do menino Jesus. Já imaginava a criança a correr pela casa quebrando os utensílios domésticos. Sua vida era perfeita! Não lhe faltava mais nada.

[...] À medida que se ia aproximando o termo, ia-lhe ele dedicando um maior afeto. Era o estabelecimento de outro laço de carne e uma espécie de sentimento contínuo de uma união mais complexa. Quando lhe via de longe o andar indolente e a cintura rodar molemente sobre as ancas, sem espartilho, quando, a sós com ela, a contemplava à vontade e a via, sentada, tomar atitudes de fadiga na poltrona, então não podia conter mais a sua felicidade, levantava-se, beijava-a, passava-lhe as mãos pelo rosto, chamava-lhe *mãezinha*, queria fazê-la dançar, e, meio a rir, meio a chorar, acumulava de toda a espécie de gracejos carinhosos que lhe vinham à cabeça. (FLAUBERT, 2000, p. 82-83, grifo nosso).

A figura da esposa sempre foi sacralizada, especialmente a figura da mulher grávida. Naquela época, muitos maridos optavam por não ter relações com a esposa nesse período, por acharem que tal ato fosse pecaminoso e, talvez, pudesse contaminar o bebê, já que a gravidez e a maternidade estão diretamente associadas ao arquétipo da Virgem Maria. Desta forma, tanto a esposa quanto a mãe são vistas como seres assexuados que não têm direito ao prazer, sendo o sexo apenas para fins de procriação.

Porém, nem mesmo a maternidade foi suficiente para lhe trazer a verdadeira felicidade. Como continuava a se sentir incompleta, Emma encontra no adultério uma forma de encontrar um sentido para a sua existência. Primeiramente, Emma se apaixona pelo jovem Léon. Mas percebendo que tal amor seria impossível, ele resolve ir para fora do país. Com a partida de Léon, Emma se vê em uma tristeza sem fim. Não tinha mais alegria de viver. O abatimento de Emma era tanto que se refletia no seu corpo e na sua face.

Emma emagreceu e ficou com as *faces pálidas* e o rosto alongado. Com os seus bandós negros, os grandes olhos, o nariz correto, o andar de passarinho e, agora, sempre silenciosa, não parecia ela atravessar a existência mal lhe tocando e trazer na fronte a marca muito vaga de qualquer sublime predestinação? Era *tão triste* e *tão calma*, e, ao mesmo tempo, *tão meiga* e *tão reservada*, que ao pé dela se tinha a sensação de se ser dominado por um *encanto glacial*, como nas *igrejas* se tem um estremeamento ao sentir o perfume das flores de mistura com a frieza dos mármore. Nem mesmo os outros escapavam àquela sedução. (FLAUBERT, 2000, p. 102, grifo nosso).

O rosto magro e pálido, juntamente com o semblante triste e sereno nos remete à imagem da Virgem Maria em grande sofrimento pela morte do seu filho Jesus. Porém, nem mesmo a tristeza em seus olhos conseguia lhe fazer menos bela. Pelo contrário, essa áurea de santidade e de martírio que pairavam sobre Emma, tornava-lhe ainda mais atraente e desejável aos olhos dos homens. Sentia falta do convento, das freiras. Sentia falta do tempo em que seu amor era dedicado somente à Deus e sua única preocupação era rezar, se confessar e pagar penitências. Emma era feliz e não sabia...

[...] perdiam-se os pensamentos de Emma nas suas velhas recordações da juventude e do colégio. Lembrou-se dos grandes candelabros, maiores do que os vasos de flores em cima do altar, e do tabernáculo com colunas. Quisera, como outrora, encontrar-se ainda no meio da longa fila de mantilhas brancas, aqui e além interrompida pelos hirtos capuzes das boas freiras debruçadas sobre o genuflexório; ao domingo, na missa, quando levantava a cabeça, avistava o rosto meigo da Virgem entre as nuvens azuladas do incenso que subia. Sobreveio-lhe então uma forte comoção; sentiu-se débil e abandonada, como penugem de um pássaro que volteia na tempestade; e foi inconscientemente que se dirigiu à igreja, disposta a qualquer devoção, contanto que lhe absorvesse a alma e lhe fizesse esquecer completamente a existência. (FLAUBERT, 2000, p. 105).

Quando Emma já tinha desistido de encontrar o amor, Rodolphe aparece para desestabilizar suas estruturas. Em uma determinada manhã, Rodolphe leva Emma para um passeio a cavalo e tenta seduzi-la. Emma tenta se esquivar, porém Rodolphe a puxa pelo braço. Emma se assusta e pede para ir embora. Vendo que estava indo com muita sede ao pote, Rodolphe recua e respeita a vontade de Emma. A fim de lhe não causar uma má impressão, o mesmo se faz de desentendido e começa a enaltecer Emma tal qual uma “deusa”:

- O que foi que se passou consigo? Porquê? Não percebi! Está sem dúvida equivocada a meu respeito. O seu lugar na minha alma é o de uma *madona* sobre um pedestal, num lugar elevado, forte e *imaculada*. Mas preciso de si para viver! Necessito dos seus olhos, da sua voz, do seu pensamento. Seja minha amiga, minha irmã, meu anjo! (FLAUBERT, 2000, p. 156, grifo nosso).

Novamente vemos aqui, a imagem da mulher imaculada e santificada representada na figura da *madona* que é a representação artística da Virgem Maria em pinturas e esculturas religiosas do cristianismo. Desta forma, Rodolphe a coloca em um pedestal tal qual às musas do olimpo, ou seja, inatingível. Já que o amor entre eles era impossível, Rodolphe lhe suplica que ela seja pelo menos sua amiga ou quem sabe seu anjo da guarda, para que ele possa usufruir pelo menos da sua companhia, ainda que seu desejo seja possuí-la.

Apesar de Emma não ter o instinto materno muito a florado, em alguns poucos momentos, vemos esse instinto despontar, como se o seu lado Maria quisesse vir à tona. Porém,

tais momentos eram raros e duravam muito pouco tempo, a ponto de até mesmo a criada ficar surpresa com a atitude da patroa, como se vê no trecho que se segue:

Com efeito, a pequenina brincava nesse momento sobre a erva, no meio do feno posto a secar. Estava deitada de bruços, no alto de uma meda de feno. A criada segurava-a pela saia. Lestiboudois andava ao lado a sachar e, todas as vezes que se aproximava, a criança inclinava-se e agitava os dois braços no ar. - Traga-ma cá! - disse a mãe, precipitando-se para a beijar. - Como eu gosto de ti, minha querida filha! Como gosto de ti! Depois, reparando que ela tinha as pontas das orelhas um pouco sujas, tocou a campainha para trazerem água quente e limpou-a, mudou-lhe a roupa, as meias, os sapatos, fez-lhe mil perguntas sobre a saúde, como se fosse o regresso de uma viagem, e, por fim, voltando a beijá-la e choramingando, entregou-a de novo à criada, que ficou estupefata diante daqueles excessos de ternura. (FLAUBERT, 2000, p. 179).

Embora Emma tenha tentado resistir as investidas de Rodolphe, a tentação da carne foi maior e ela acaba cedendo. Por dois anos, os dois viveram uma tórrida paixão. Chegaram até mesmo a planejarem a fuga, mas na última hora, Rodolphe se acovarda e vai embora sozinho. A partida de Rodolphe lhe abalou de tal forma que ela adocece. Sua saúde só piorava e Emma chegou a pensar que iria morrer. Vendo que não melhorava, Emma pede que lhe chamem o padre.

Um dia em que, no período mais grave da doença, ela se julgara agonizante, pedira a comunhão, e, à medida que no quarto se faziam os preparativos para o sacramento, que se armava o altar em cima da cômoda atafalhada de remédios e que Félicité espalhava pelo chão folhas de dalias, Emma começou a sentir-se invadida por uma forte impressão que a libertava de todas as dores, de toda a consciência e de todo o sentimento. A carne liberta deixara de pesar, começava outra existência, parecia-lhe que o seu ser, subindo para Deus, se ia aniquilar naquele amor como um incenso queimado que se dissipa em vapor. Aspergiram os lençóis com água benta, o padre retirou do sagrado cibório a alva hóstia, e foi desfalecendo numa alegria celeste que ela avançou os lábios para aceitar o corpo do Salvador que lhe ofereciam. As cortinas da alcova flutuavam suavemente em torno dela como nuvens, e os reflexos dos dois círios acesos em cima da cômoda pareceram-lhe glórias deslumbrantes. Então deixou cair a cabeça, crendo ouvir nos espaços o canto das *harpas seráficas* e avistar num céu azul, sobre um trono de ouro, no meio dos santos empunhando palmas verdes, Deus o Pai irradiando majestade e, com um gesto, fazendo descer à Terra anjos com asas de fogo para a transportarem nos braços. Esta visão esplêndida perdurou-lhe na memória como a coisa mais bela que era possível sonhar, de modo que agora ela se esforçava por voltar a ter a mesma sensação, que entretanto sentia, mas de um modo menos intenso, embora com a mesma profunda suavidade. A sua alma, extenuada pelo orgulho, repousava enfim na *humildade cristã*, e, saboreando o prazer de ser *débil*, Emma contemplava em si mesma a destruição da própria vontade, que devia dar amplo acolhimento às inundações da *graça*. Existiam pois, no lugar da ventura, felicidades maiores, um outro amor acima de todos os amores, sem intermitência nem fim, que cresceria eternamente! Entrevia ela, por entre as ilusões da sua esperança, um *estado de pureza* flutuando acima da Terra, confundindo-se com o Céu, a que aspirava chegar. *Quis tornar-se uma santa*. Comprou rosários, passou a usar amuletos, desejava ter no quarto, à cabeceira da cama, um relicário engastado de esmeraldas, para o beijar todas as noites. (FLAUBERT, 2000, p. 219, grifo nosso).

Quando estava completamente restabelecida, Emma voltou a frequentar a igreja, mas agora estava mais devota como nunca. Talvez, tal fanatismo fosse uma tentativa de expiar a

culpa que ainda sentia por conta do seu adultério. Todo amor e devoção que outrora havia dedicado ao seu amante, agora dedicava à Deus. Emma havia sido perdoada, mas ela mesma ainda não havia se perdoado. Com isso, passou fazer ações de caridade e se tornou uma mãe e esposa exemplar. Nem o choro da filha a irritava mais. Ela era agora uma mulher “virtuosa”.

Quando se punha de joelhos sobre o genuflexório gótico, dirigia ao Senhor as mesmas palavras de suavidade que antes murmurara ao seu amante, durante as efusões do adultério. Era para atrair a fé, mas nenhuma delícia descia dos Céus e ela erguia-se dali com os membros fatigados e um vago sentimento de um imenso logro. Esta procura de Deus, pensava ela, não deixava de ser um mérito a mais, e, no orgulho da sua devoção, Emma comparava-se às grandes damas de outrora, com cuja glória sonhara examinando uma pintura de Vallière e que, arrastando com tanta majestade as caudas cobertas de rendas dos seus longos vestidos, se retiravam para a solidão a fim de derramarem aos pés de Cristo todas as lágrimas de um coração ferido pela existência. Entregou-se então a excessos de caridade. Cosia roupas para os pobres, mandava lenha às mulheres de parto, e Charles, ao entrar um dia em casa, encontrou na cozinha três vadios abancados a comer sopa. Mandou regressar a pequenita, que o marido, durante a doença dela, mandara para casa da ama. Quis-lhe ensinar a ler, por mais que Berthe chorasse, ela já não se irritava. Era uma resignação decidida, uma indulgência universal. (FLAUBERT, 2000, p. 220-221).

Quando parecia que sua vida finalmente havia entrado nos trilhos, eis que surge Léon, uma antiga paixão que nem ao menos chegou a se concretizar. Como vimos anteriormente, Léon havia retornado de Paris e eles se encontram por acaso em um teatro de Ruão. Os dois resolvem retomar do ponto que eles haviam parado. Ao mesmo tempo que Emma queria se entregar a Léon, seu lado Maria a trazia de volta à razão. Para não correr o risco de cair em tentação, Emma marca um encontro na igreja. Ela chega até mesmo a escrever uma carta dizendo que eles não deviam se encontrar mais, porém lembrou que não tinha o endereço dele e disse para si mesma que entregaria a carta pessoalmente na igreja. Léon chega primeiro e espera ansiosamente a chegada de Emma.

[...] Ela chegaria dentro de momentos, encantadora, agitada, espreitando para trás os olhares que a seguiam - e com o seu vestido de folhos, a luneta com cabo de ouro, as botinas finas, com todas as elegâncias que ele nunca saboreara, na inefável sedução da virtude que sucumbe. A igreja, como um gigantesco toucador, dispunha-se em torno dela, as abóbadas inclinavam-se para recolher na sombra a confissão do seu amor, os vitrais resplandeciam para iluminar-lhe o rosto e os turbulos acendiam-se para que ela aparecesse *como um anjo, envolta pelo fumo dos incensos*. Entretanto, ela não vinha. Léon sentou-se numa cadeira e deparou-se-lhe uma vidraça azul onde se viam barqueiros transportando cestos. Fixou-a demoradamente, com atenção, e contou as escamas dos peixes e os botões dos gibões, enquanto o espírito vagueava à procura de Emma. [...] Subitamente, um roçar de seda sobre as lajes, a aba de um chapéu, uma camalha preta... Era ela! Léon ergueu-se e correu ao seu encontro. Emma estava pálida. Caminhava rapidamente. - Leia! - disse ela, estendendo-lhe um papel... - Oh, não! E retirou a mão bruscamente, para entrar na capela da *Virgem*, onde, ajoelhando-se encostada à cadeira, *se pôs a rezar*. O rapaz ficou irritado com aquela *fantasia beata*, depois sentiu, apesar disso, um certo encanto de a ver, no meio do encontro, assim perdida nas suas *orações*, como uma marquesa andaluza, por fim acabou por se aborrecer, porque ela não terminava com aquilo. Emma rezava, ou,

melhor, esforçava-se por rezar, esperando que lhe descesse do Céu alguma solução súbita, e, para atrair o *socorro divino*, enchia os olhos com o esplendor do sacrário, aspirava o perfume das açucenas brancas que desabrochavam em grandes vasos e atendia ao silêncio da igreja, que apenas lhe fazia crescer o tumulto do coração. (FLAUBERT, 2000, p. 245-246, grifo nosso).

Apesar de lutar contra os seus sentimentos, Emma finalmente se rende aos encantos de Léon. Os dias ensolarados haviam voltado. Porém, com a mesma força com que a paixão emergira, ela se foi. Com o tempo, Emma passou a ser extremamente controladora. Havia momentos em que ela se comportava mais como mãe do que como amante de Léon.

É verdade que ela não deixava de lhe prodigalizar toda a espécie de atenções, desde os mimos da mesa até aos requintes da roupa e à languidez do olhar. [...] mostrava-se preocupada com a saúde dele, dava-lhe conselhos sobre a maneira de se conduzir, e, para melhor o reter, esperando que o céu talvez desse uma ajuda, pendurou-lhe ao pescoço uma medalha da *Virgem*. Como uma *mãe cuidadosa*, pedia-lhe informações sobre os camaradas. Dizia-lhe:- Não andes com eles, não saias, pensa só em nós, amame! Ela desejava poder vigiar-lhe os passos e teve a ideia de mandar alguém segui-lo pelas ruas. Havia sempre, ao pé do hotel, uma espécie de vagabundo que se abeirava dos passageiros e que não recusaria... Mas o seu orgulho revoltou-se. (FLAUBERT, 2000, p. 290-291, grifo nosso).

Léon se sentia demasiadamente sufocado. Queria livrar-se das amarras de Emma, mas lhe faltava coragem. Além do desequilíbrio emocional, Emma tinha perdido o controle das finanças. Emma chega até sugerir que Léon roubasse o cartório para ajudá-la a pagar as dívidas. Emma já não discernia o certo do errado, havia passado de todos os limites. O relacionamento dos dois não tinha mais como se sustentar. Vendo-se num beco sem saída, Emma no seu desespero resolve dar cabo da sua vida e envenena-se. Estando em seu leito de morte, Emma solicita novamente a presença do padre, só que agora não havia mais retorno, a sua hora havia chegado. Todos os seus sofrimentos se findariam e finalmente ela encontraria a paz e o descanso eterno.

Ela voltou a cabeça lentamente e pareceu possuída de alegria ao ver subitamente a estola roxa, reencontrando sem dúvida, no meio de uma calma extraordinária, o deleite perdido desde os seus primeiros impulsos místicos, com visões de uma bem-aventurança eterna que se aproximava. O padre levantou-se para pegar no crucifixo, então ela estendeu o pescoço como alguém que tem sede e, encostando os lábios ao corpo do Homem- Deus, depôs nele com toda a sua força agonizante o maior beijo de amor que jamais dera. Seguidamente, ele recitou o *Misereatur* e o *Indulgentiam*, molhou o polegar direito no azeite e começou a unção: primeiro nos olhos, que tanto haviam cobiçado todas as sumptuosidades terrestres, depois nas narinas, ávidas de brisas cálidas e perfumes amorosos, depois na boca, que se abria para a mentira, que gera de orgulho e gritara de luxúria, depois nas mãos, que se deleitavam com suaves contatos, e, finalmente, nas plantas dos pés, tão rápidos outrora quando corria a saciar os seus desejos e que não voltariam a caminhar. O padre limpou os dedos, deitou ao fogo os pedaços de algodão molhados de azeite e foi sentar-se ao pé da moribunda para lhe dizer que devia agora unir os seus sofrimentos aos de Jesus Cristo e entregar-se à misericórdia divina. Quando terminou as suas exortações, tentou meter-lhe na mão um círio benzido, símbolo das glórias celestes de que em breve

estaria rodeada. Emma, demasiado enfraquecida, não pôde fechar os dedos e o círio, sem o padre Bournisien a segurá-lo, teria caído no chão. Entretanto ela ficou menos pálida e o seu rosto tinha uma expressão de serenidade, como se o sacramento a tivesse curado. (FLAUBERT, 2000, p. 335).

O inevitável acontecera. Finalmente ela havia encontrado o descanso que sua alma tanto anelava. Os prazeres terrenos já não a seduziam mais. Ela havia retornado para o seu primeiro e único amor verdadeiro, aquele que nunca a havia decepcionado e que agora a esperava de braços abertos: D’us. Charles fez questão de enterrá-la com seu vestido de noiva, tal qual uma virgem que se guarda para as núpcias. Novamente, aqui, vemos a referência ao arquétipo de Maria – a virgem pura e imaculada.

Bovary fechou-se no seu gabinete, pegou numa pena e, depois de ter soluçado durante algum tempo, escreveu: Quero que a enterrem com o seu vestido de noiva, com sapatos brancos e uma grinalda. Os cabelos devem ir soltos sobre os ombros, três caixões, um de carvalho, outro de mogno e outro de chumbo. Não me digam nada, que eu terei coragem. Estendam-lhe por cima uma grande peça de veludo verde. Quero que seja assim. Façam isto. (FLAUBERT, 2000, p. 339-340).

Passado algum tempo da morte de Emma, Charles resolve subir ao sótão e encontra a carta de Rodolphe. Não querendo se render às evidências, Charles cogita que talvez eles tivessem tido um amor platônico, mas que o mesmo não havia se concretizado. Charles não queria acreditar que sua “imaculada” esposa poderia ter-lhe traído desta forma.

“Amaram-se talvez platonicamente”, pensou ele. Além disso, Charles não era pessoa para ir até ao fundo das coisas: recuava diante das dificuldades, e o seu incerto ciúme perdeu-se na imensidade da sua dor. “*Deve ter sido adorada*”, pensava ainda. “Todos os homens, com certeza, a teriam cobiçado”. Pareceu-lhe por isso mais bela, e concebeu um desejo permanente, furioso, que inflamava o seu desespero e não tinha limites, por ser agora irrealizável. (FLAUBERT, 2000, p. 354, grifo nosso).

Mesmo diante da possibilidade de traição, Charles coloca a mulher em um pedestal e a compara a uma santa, digna de adoração. Charles não queria aceitar que a imagem que ele havia criado de Emma não era real. Na verdade, a Emma que ele havia idealizado nunca existira de verdade, apenas na sua imaginação. Era como se ele estivesse vivendo a dor do luto novamente. Emma morrera para ele duas vezes. Apesar de ter deixado o plano físico, de alguma forma, Emma ainda vivia nos pensamentos e no coração de Charles. E mais, Emma vivia em Berth, fruto do amor deles. Porém, com a descoberta das traições, Emma, além de morrer fisicamente, morrera também para sempre no coração de Charles. Por conta da grande decepção, Charles acaba ficando doente e morre logo em seguida.

## CONCLUSÃO

O status das mulheres e o seu papel na sociedade mudaram significativamente de uma geração para outra. Embora, legalmente, as mulheres tenham conquistado a igualdade e o direito de ir e vir, na prática, muitas vezes não é isso o que acontece. Ainda há muito o que se conquistar, especialmente no que diz respeito ao direito da mulher sobre o seu próprio corpo e à liberdade sexual. Muitas têm se destacado em diversas áreas, como por exemplo, na ciência, na política, na indústria, no comércio, nas artes e etc. Sendo assim, por que o papel da mulher nas esferas pública e privada ainda tem sido tão preterido? Como é que ainda hoje, em pleno século XXI, as mulheres ainda são reprimidas, silenciadas e limitadas no seu desenvolvimento tanto pessoal quanto profissional?

Ao longo da história, pouca coisa foi registrada a respeito dos grandes feitos e conquistas de mulheres extraordinárias que venceram a subjugação feminina e ousaram fazer a diferença, contrariando os padrões morais de seu tempo. Há pouco mais de um século, clérigos reuniram-se em conferências para elucidar a questão sobre, se as pessoas do sexo feminino têm alma ou não. Até mesmo na política, faz poucos anos que as mulheres conquistaram o direito ao voto e à profissionalização. Na maior parte do mundo atual, as normas da sociedade e os padrões culturais reprimem a iniciativa feminina, restringindo-as a determinadas atividades e cargos.

Desta forma, a narrativa do mito de Lilith serve de inspiração para muitos movimentos feministas e para a construção de novos papéis sociais na relação homem-mulher. “Com Lilith surge o lado demoníaco de Eros, um princípio que não deseja ser subjugado ao controle patriarcal e, por isso mesmo, foi excluído e refutado do feminino, tornando-se negativo” (PIRES, 2008, p. 121). De acordo com Coelho (2015, p. 15), “a luta das mulheres pela igualdade se dá não apenas no âmbito do direito, seja ele político, civil, ou social, mas, principalmente, numa instância muito mais profunda que é justamente o seu valor enquanto ser humano”.

O feminismo, como um movimento, teve e tem um papel crucial, interferindo na história mais recente da humanidade. Ele questiona e propõe a redefinição dos papéis das mulheres e dos homens no campo da sexualidade, do conhecimento, da experiência, da linguagem, da cultura, da arte, do comportamento, da ética, da religião, da educação, da política, do cotidiano, das relações interpessoais, da discussão dos temas sociais e do mundo do trabalho. Enfim, ele propõe a de(s)construção da visão antropológica androcêntrica e patriarcal e o desenvolvimento de uma nova compreensão de ser humano e de uma nova construção do mundo. (STROHER, 2005, p. 120)

De acordo com Silva (2019, p. 5), “uma mulher com sua sensualidade e sexualidade manifestadas e que não se submete às normas sociais patriarcais é uma afronta a um dos

modelos de ser mulher, em especial o de submissão, que prega os preceitos da lógica judaico-cristã.”. Silva (2019, p. 6), acrescenta ainda que “Lilith, portanto, representa a liberdade máxima do feminino, evidenciando e contestando tudo o que está cristalizado em modelos e padrões constituídos por sistemas socioculturais, sociopolíticos e sociorreligiosos”. Sobre isso, Rodrigues (2007, p. 11) reflete:

O mito de Lilith, exatamente por possuir conteúdos arquetípicos (sobretudo dentro do mundo de cultura ocidental), conta histórias de todas as mulheres, pois configura narrativa atemporal e impessoal, expressando características coletivas quanto ao universo simbólico feminino e a relação da mulher com sua feminilidade e com o outro.

“Para que haja possibilidades de mudanças e de uma interação mais justa entre homens e mulheres, é preciso entender as raízes de afirmações universalistas que permeiam o pensamento do mundo ocidental” (COELHO, 2015, p. 40). Pires (2008, p. 129), acrescenta ainda que “as mulheres precisam se tornar heroínas aptas a fazer escolhas em vez de serem passivas ou vítimas – mártires ou joguetes movidos por outras pessoas ou pelas circunstâncias”.

“O recontar do mito de Lilith reflete visões do papel feminino a cada geração. À medida que crescemos e mudamos com os milênios, Lilith sobrevive porque é o arquétipo para o papel cambiável da mulher” (CANDIDO, 2012, p. 189). Desta forma, nós como legítimas *Filhas de Lilith*, já não podemos permitir que a nossa dignidade como mulher e como pessoa, seja rebaixada por discursos sexistas de inferioridade e subjugação, que caracterizam a mulher como uma “cidadã de segunda classe”.



## REFERÊNCIAS:

- BARRETO, Ocilene Fernandes; CECARELLI, Paulo Roberto. *Eva, Maria e Lilith: corpo de delito*. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte-MG, n. 43, p. 129–138, julho/2015.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009. Edição Revista e Corrigida.
- CANDIDO, Maria Regina [org.] *Mulheres na Antiguidade: Novas Perspectivas e Abordagens*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA; Gráfica e Editora-DG Ltda, 2012. p. 175-189.
- COELHO, Carla Naoum. *Ampliando horizontes: análise de interpretações do feminino a partir do texto bíblico*. 208 p. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2015.
- COELHO, I. M.; CERDEIRA, D.; HONORATO, E. J. S. *OS PROCESSOS RELIGIOSOS JUDAICO – CRISTÃOS E A CONSTRUÇÃO DO MACHISMO*. REVES - Revista Relações Sociais, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 0281–0290, 2019. DOI: 10.18540/revesv12iss2pp0281-0290. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/reves/article/view/8357>. Acesso em: 12 jul. 2022.
- FELDMAN. Sérgio Alberto. A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo Templos). MÉTIS: história & cultura – v. 5, n. 10, p. 251-272, jul./dez. 2006.
- FLAUBERT. Gustave. *Madame Bovary*. Título Original: Madame Bovary. Tradução de Fernanda Ferreira Graça. Publicações Europa-América, 2000. Disponível em: <[https://kbook.com.br/wp-content/files\\_mf/madamebovarygustaveflaubert.pdf](https://kbook.com.br/wp-content/files_mf/madamebovarygustaveflaubert.pdf)> Acesso em: 14 de jun. de 2022.
- GOMES, Antônio M. A.; ALMEIDA, Vanessa P. *O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea*. In: Âncora – Revista digital de estudos em religião. Ano II, Vol. II, junho – 2007.
- HURWITZ, Siegmund. *Lilith – a primeira Eva: Aspectos históricos e psicológicos do elemento sombrio feminino*. 2 ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- KOLTUV, Barbara Black. *O livro de Lilith: Psicologia/Mitologia*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.
- LARAIA, R. de B. *Jardim do Éden revisitado*. Revista de Antropologia, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 149-164, 1997.
- NICOLITTO, Leila Cristina Fajardo. *Adélia Prado e o diálogo com mulheres bíblicas*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UNESP. Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004.
- PIRES, Valéria Fabrizi. *Lilith e Eva: imagens arquetípicas da mulher na atualidade*. São Paulo: Summus, 2008.
- RIBEIRO, L. M. P. *O Sagrado Feminino na Primavera Bíblica*. Mandrágora, v.27, n. 1, p. 7-30, 2021.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. *Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo*. In: Ética, religião e expressão artística. Anais do III Congresso Internacional de Ética e Cidadania. 2007.

SANTOS, O. B.; MUSSKOPF, A. S. *Raízes Patriarcais da Interpretação Bíblica e Leituras Feministas*. INTERAÇÕES, v. 13, n. 24, p. 334-354, 31 dez. 2018.

SCHMITT, Gustavo. *O mito de Lilith: entre deuses e demônios*. Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 4, 2016.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. Tradução: Norma Telles e J. Adolpho S. Gordo. 3. ed. São Paulo; Paz e Terra, 1998.

SILVA, A.M.M.; MANGUEIRA, J.V. *Arquétipos da dualidade feminina no conto "Desenredo" de João Guimarães Rosa*. Letras de Hoje, v. 47, n. 2, abr. 2012 a jun. 2012. p. 194-200.

SILVA, B. Y. DA. *Arquétipos esquecidos e resgatados: a ressignificação da Femme Fatale*. I Simpósio nacional de estudos da religião da universidade estadual de Goiás. Anais do Simpósio Nacional de Estudos da Religião da UEG, V. 1. Goiás: UEG, 2019.

STROHER, Marga J. *A história de uma história – o protagonismo das mulheres na Teologia Feminista*. História Unisinos, v. 9, n° 2: 116-123, Maio/Agosto 2005.

STROHER, Marga J; DEIFELT, Wanda; MUSSKOPF, André S. *À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo, RS: Sinodal; CEBI, 2017. 305 p.

TOSI, L. *Mulher e ciência: a revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna*. Cadernos Pagu, [S. l.], n. 10, p. 369–397, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4786705>> Acesso em: 26 maio de 2022.

VIEIRA, Danielly Cristina P. *DE DEUSA A DEMÔNIO A... LILITH IYAPO: construção do feminino em Dawn (1987) de Octavia E. Butler*. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – UFPE. Centro de Artes e Comunicação, 2020.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes. *Bruxas: figuras de poder*. Revista de Estudos Feministas, Florianópolis 13(2), maio-agosto 2005. p. 331-341. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/8533/7827>> Acesso em: 02 de jun. de 2022.